

EM BUSCA DE LAURA SANTOS

DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS

SUELI DE SOUZA

Foz do Iguaçu

2023

EM BUSCA DE LAURA SANTOS

DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS

SUELI DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural- Artes e Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti

Foz do Iguaçu

2023

SUELI DE SOUZA

EM BUSCA DE LAURA SANTOS

DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural- Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Angelene Lazzareti

UNILA

Profa. Dra. Ângela Maria de Souza

UNILA

Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti

UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Para as que vieram antes de mim, em especial a memória de minha avó Maria Ferreira dos Santos e meu pai João Antônio de Souza Filho, que me ensinaram a importância de contar histórias e de manter as memórias vivas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha filha Bamidelê, nós duas sabemos como foi difícil o processo de meu retorno a Educação Superior. Você foi minha grande companheira e me incentivou muito.

A minha mãe, Nena, por toda sua cumplicidade, e mesmo com poucas palavras soube apoiar minhas escolhas.

Iyá Gunâ, que me apresentou Ogun e Oyà e todo grande panteão dos Orixás, também pelo incentivo enquanto inspiração, com a sua própria história de retorno à Universidade após os 60 anos.

A minha tia Veralice, de quem eu lia os livros e provas da faculdade quando pequena, incentivou todos na família, que assim como ela ingressaram no ensino superior.

A minha tia Elenice, em memória, que mesmo com formação superior fez o que gostava.

Em especial a minha querida orientadora, Angelene, sempre generosa e terapêutica comigo, obrigada por abraçar minha história.

A todos os meus amigos do curso de mediação Cultural com quem pude compartilhar e aprender.

A todos os professores do curso e também a professora Ângela Maria de Souza de Antropologia por mostrar todos os desafios da educação no espaço acadêmico e incentivar tantas mulheres negras.

Ao coletivo NEALA (Núcleo de Estudos Afro-latino-americanos e caribenhos).

A Nicole Machado, que começou esta pesquisa comigo.

A professora Cristiane Checchia por me incentivar a pesquisar a história de Laura Santos.

Aos amigos do curso de Cinema por me desafiarem em frente às câmeras. As equipes dos curtas “Busco-me”, “Quase-lá”, e “Quiçamba”. A professora Sandra Pereira, que me incentivou na escrita e nos estudos de roteiros, meu novo desafio atrás das câmeras.

A Patricia Queiroz do Nippeí, socióloga e mediadora, que recebe a todos com muita generosidade e sabedoria neste espaço de acolhimento. A sala do Nippeí, Obrigada!

Aos professores da banca de orientação.

A todos de meu coletivo, meu quilombo existente aqui neste espaço de memória.

Modupè!

*UMA DAS FORMAS DE EXERCER AUTONOMIA É POSSUIR UM DISCURSO
SOBRE SI MESMO*

Neusa Santos

Souza, Sueli de. EM BUSCA DE LAURA SANTOS - DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Mediação Cultural Artes e Letras)- Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMO

Este trabalho trata-se do memorial descritivo da criação artística teatral “Em busca de Laura Santos: Desejo que nós sejamos lembradas”. A peça evoca memórias de Sueli de Souza, mulher negra, poeta e atriz, que se conecta com a ausência das memórias de Laura Santos, mulher negra e poeta curitibana, cuja obra repleta de desejos e sonhos foi esquecida e ignorada. A peça é dirigida por Angelene Lazzareti e busca questionar o apagamento e a invisibilidade não só da obra de Laura Santos mas também de outras mulheres negras.

Palavras-chave: Teatro; Memórias; Mulheres negras, Apagamentos; Desejo;

RESUMEN

Esta obra es un memorial descriptivo de la creación artística teatral “En busca de Laura Santos: deseo que seamos recordados”. La pieza evoca recuerdos de Sueli de Souza, mujer negra, poeta y actriz, que conecta con la ausencia de recuerdos de Laura Santos, mujer negra y poeta de Curitiba, cuya obra llena de deseos y sueños fue olvidada e ignorada. La obra está dirigida por Angelene Lazzareti y busca cuestionar el apagamiento y la invisibilidad no sólo de la obra de Laura Santos sino también de otras mujeres negras.

Palabras clave: Teatro; Memorias; Mujeres negras, Apagamientos; Deseo;

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
ASSENTAMENTO I: TERRA, PÉS E MEMÓRIA	12
ASSENTAMENTO II: EM BUSCA DA POESIA E DAS MEMÓRIAS DE LAURA.....	22
MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS, CORPO E PALAVRA.....	29
POESIAS DE LAURA SANTOS.....	35
POESIAS PARA LAURA SANTOS.....	38
PROCESSO DE CRIAÇÃO DE “EM BUSCA DE LAURA SANTOS: DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS”	40
REFERÊNCIAS.....	63

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho se trata de um memorial descritivo que acompanha uma obra artística desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso em Mediação Cultural-Artes e Letras na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. A obra em questão é uma peça teatral intitulada “Em busca de Laura Santos: Desejo que nós sejamos lembradas”, um solo interpretado por mim como atriz e dirigido por Angelene Lazzareti, também orientadora deste trabalho. A dramaturgia foi desenvolvida por nós duas de forma conjunta e todo o material apresentado neste memorial faz parte do levantamento para a construção da peça. A obra parte do desejo que a história de mulheres negras, sobretudo artistas, sejam lembradas, reconhecidas e perpetuadas com a devida valorização. Nesse sentido, a peça enfoca tanto a minha história pessoal como mulher negra, quanto a história de Laura Santos, poetisa paranaense, que teve seu legado apagado. A busca por informações a respeito de Laura Santos e a desconfortável ausência de registros são parte fundamental da construção cênica.

O material que aqui apresento é a base para a criação cênica: na primeira parte deste texto, intitulada “Assentamento: Terra, pés e memória” narro as minhas histórias e as histórias ouvidas por mim desde criança através de minha avó Maria e meu pai João, memórias sobre minha escrita até a chegada na universidade.

Na segunda parte do memorial “Assentamento: Em busca da poesia e memória de Laura Santos”, apresento a biografia da poeta, fotos e obras, enfatizando o apagamento da mesma.

Na terceira parte escrevo sobre a mulher negra - corpo e alma - e para entender o contexto histórico da vida de Laura Santos estudo Lélia Gonzalez, que faz o recorte de gênero e raça de mulheres negras, refletindo como corpos negros são objetificados. Também recorro a **Bell Hooks** para pensar os processos históricos de violência que nos afetam diariamente nas ações sobre o amor e afeto. A filósofa africana **Sobonfu Somè** apoia os pensamentos sobre o desejo e a importância da comunidade. Também são referências dessa parte **Beatriz Nascimento** e **Leda Maria Martins**.

Nas quarta e quinta partes apresento poemas de Laura Santos e poemas de minha autoria em homenagem a Laura Santos.

Na sexta parte do memorial, por fim, descrevo partes do processo de criação e montagem da peça “Em busca de Laura Santos - Desejo que nós sejamos

lembradas”. Destaco que todas as reflexões e levantamentos presentes nas diferentes partes do memorial foram fundamentais para essa construção.

ASSENTAMENTO I: TERRA, PÉS E MEMÓRIA

Eu desejo que minha história seja lembrada, eu desejo ser lembrada.

Eu sou Sueli, mulher negra, mãe de Bamidelê, filha de Jair Fátima (dona Nena), uma Mineira de Salinas (Minas Gerais) e João Antônio (Ceará) Barbalha. Ceará, um Barrageiro que trabalhou na construção da hidrelétrica de Itaipu. Nasci em Toledo, uma cidade de grande potência rural, em um sítio pequeno na comarca de São Pedro do Iguçu, lá na estrada do Santa Mônica, como contava meu pai, em uma casinha de sapê. Foi uma madrugada difícil a do meu nascimento, no final de janeiro, minha mãe era uma jovem de um pouco mais de 15 anos, que não entendia o que seriam as dores do parto. Era uma noite de chuva e lua cheia, a parteira já estava em atendimento, quando eu realmente vim ao mundo quase morta, em um longo silêncio... e depois um choro, quase um desafogar.

Neste sítio viviam meus avós maternos. Passei grande parte da minha infância indo passar as férias escolares com meus avós, ouvindo histórias da minha avó Maria Ferreira, vendo meu avô José Moreira trabalhar na terra. Juntamente com meus tios, via as colheitas de arroz, o arroz espalhado em uma lona ao sol, o feijão, o algodão, a soja, vendo vacas, porcos, peixes, pés de laranja rosa e uvas verdes. A plantação de café, de alho, de banana, não esqueço os milhos de pipoca, a batata e o inhame assando na brasa no fogão a lenha. Durante as refeições meu avô colocava duas pimentas no prato, amassava e depois colocava o feijão e comia devagar, todos levantavam da mesa e ele ficava lá degustando o alimento que ele plantou, colheu e limpou na chuva, no sol, e sob a lua, era de dar gosto de ver.

Dizem que meu avô tocava viola e gostava de dançar na festas, tenho uma lembrança de festas onde ele pisava nas brasas com os pés descalços, nunca me esqueço. E como ele sabia que horas eram sem ter relógio, só olhando para o sol, ou quando a chuva estava chegando. Meu avô era um homem da terra, do sol, que cuidava de tudo com muita calma e carinho, e a natureza devolveu a ele, assim, em 2019, foi seu retorno à terra.

Maria Ferreira, minha avó. Lembro sempre dela na janela, olhando a rua que dava pra casa de madeira. Minha avó foi uma grande contadora de histórias e uma mulher de muita demonstração de afeto, o afeto pelas pessoas ela demonstrava na culinária e na reza. Da culinária lembro do tempero com urucum e alho, o açafraão, banha de porco o bolinho de polvilho feito no forno de barro, lembro do pão com

recheio de chocolate e o bolo brevidade, um bolo de polvilho e suspiro. A família da minha avó era de agricultores da cidade de Salinas, Minas Gerais, como única filha mulher da família aprendeu de tudo, fazer farinha da mandioca, beiju, tratar o café, torrar até a moida, rapadura, melado e usar o pilão para moer o milho. Lembro do fogão de lenha dela, ainda sinto o cheiro da comida.

Ela me contou a história da minha bisavó Guilhermina, era Italiana, tinha cabelos pretos escuros e olhos azuis, se casou com meu bisavo Rossi Ferreira, um homem negro. Lembro de minha avó no espelho se ajeitando para ir a igreja, passando pó no rosto, era um caixinha redonda rosa com uma flor na tampa, embaixo estava escrito “Tabu”, o cheiro era bom. Depois, passava um batom quase sem cor, os cabelos penteados para trás, as unhas também pintadas, mesmo com tanto trabalho as unhas sempre tinham uma cor clara. Ao lado da cama, na mesa de cabeceira, um rosário, água e remédio em gotas para dormir. Em frente ao espelho a gente sempre conversava, um dia ela me falou: “Fia, se fosse hoje em dia, eu casava depois, eu tinha estudado e viajado de avião”. Minha avó tinha consciência racial, na verdade, esta vivência no sítio era como um pequeno quilombo. Além dos meus avós, dividiam o terreno com eles meu tio avô Antonio e minha tia Josefa junto de seus filhos, e do outro lado da estrada viviam meu tio avô Francisco e a Tia Ana com seus filhos. Durante as festas, as comidas iam de um lado para outro, carnes, quiabos, laranjas, polvilho, mandioca e café.

Minha avó Maria... quanta saudade daquela voz alta e doce quando necessária, a mania de mudar o nome das pessoas com vogais a mais ou a menos. Já meu avô tinha uma charrete com um cavalo em que andava com todos da família, as lembranças que tenho dele são sempre impecáveis. As camisas e calças passadas sem uma ruga no ferro de brasa, de chapéu e banhado em perfume de colônia amadeirada. E minha avó de saia, uma alteza negra, sentada com uma sombrinha para se proteger do sol pela estrada do Santa Mônica.

A pouco tempo fiquei sabendo que minha avó era também benzedeira, parou de benzer assim que foi para a igreja. Lá falavam que benzimento não era coisa de DEUS, e ela queria ser de DEUS, sempre rezava com um rosário lindo colorido. Ela me ensinou a oração Salve Rainha, o Padre Nosso e o Anjo da Guarda. Nunca discutimos por religião, mesmo quando ela soube que eu estava no candomblé, eu rezava a reza dela na casa dela com respeito. Ela só me falava que não entendia por que eu não tinha uma igreja pra rezar.

Quando minha avó adoeceu, eu não acreditei, o médico falou que ela tinha o coração fraco, como alguém tão amorosa, gentil, cheia de amor fica com o coração fraco? O coração não é um músculo?

Fui passar o feriado de carnaval com ela, acabei ficando uns 15 dias, foram dias lindos, e apesar de muito fragilizada da doença, minha avó estava tranquila e falou da morte de uma forma que nunca esqueci: “Deus pode me levar, eu tô tranquila”. Só pensei no Dê (meu avô), afinal foram mais de 50 anos de casados, na festa de celebração dos 50 anos deles estávamos todos lá no sítio, filhos, netos e bisnetos. A estrada da Santa Monica está aqui nas minhas lembranças, e quando ganhei minha filha levei ela pra conhecer o pai do meu avô Domingos, meu bisavô, e tataravô da minha filha. Ele também era benzedor, benzeu minha filha e rezou. Dizem que quando meu bisavô morreu, ele já tinha uns 105 anos para mais.

Era sempre no natal, nas férias escolares, eu e meus irmãos íamos para o sítio e depois de algum tempo todos se encontravam lá, incluindo meus tios e tias. Minha avó teve sete filhos que já haviam saído do campo. Lembro das minhas tias, minha tia Veralice, que todos falavam que queria ser freira, foi estudar em um convento de freiras e desistiu, agora é psicopedagoga. Ela foi a primeira a fazer ensino superior, foi e é uma das minhas grandes inspirações para a leitura. Na época das férias eu vasculhava os livros e provas dela, pois ficavam no quarto onde eu dormia. A minha outra tia, Elenice, lembro dela de bobs no cabelo e passando um creme bem escuro (Henne), super vaidosa, pintava minhas unhas. Minha tia dizia que eu era como a boneca dela, já que nossa diferença de idade é de menos de dez anos.

A família do meu pai também veio para o Paraná com seus irmãos, inclusive meus avós paternos, meu avô João Antônio e minha avó Ernestina. Convivi pouco com ambos, meu avô morreu quando eu ainda era pequena. Já a minha avó Ernestina, a gente sempre visitava na casa onde ela morava em Foz do Iguaçu, na região de Três Lagoas. Minha avó Ernestina era mais distante do que minha avó Maria, alguns familiares falam que ela não queria o casamento dos meus pais por minha mãe ser negra, vinda ainda criança de uma grande família negra. Minha avó paterna com forte descendência indígena sempre morou aqui em Foz do Iguaçu, mesmo depois de doente e imobilizada devido a um AVC, e minha mãe ajudou a cuidar dela, nunca falou nada a respeito.

O meu pai, João, veio para Foz do Iguaçu no início da construção da Itaipu. Éramos meu pai e minha mãe, eu com um pouco mais de cinco anos, minha irmã

Solange com três anos e meu irmão Vilmar com onze meses de idade. Tenho vagas lembranças da minha infância na escola, parece que uma parte foi apagada, só lembro da minha pré adolescência, da vivência na vila C, e do meu pai falando do trabalho e contando histórias. Sim, meu pai, depois da minha avó Maria, era um grande contador de histórias e memórias, trabalhou na Itaipu até o ano da greve no final da década de oitenta, lembro bem dele falando sobre as mortes que ocorriam no trabalho devido ao perigo da construção. Os dias de chuva e tempestades na vila C eram terríveis, a minha maior lembrança é da minha mãe levando eu e meus dois irmãos para debaixo da mesa quando o vendaval começava ou quando a luz acabava e ficávamos fazendo brincadeiras com as mãos a luz de velas .

A minha mãe, Jaira, é este silêncio. Ou melhor, é este silenciamento tão presente na minha vida. Para conviver com ela, depois de alguns anos tive que aprender a ler suas expressões corporais e traduzi-la. Depois do falecimento do meu pai em 2017, os anos foram difíceis para mim e para ela, a vida dela virou de pernas pro ar, com uma família, netos e todas as responsabilidades que só meu pai cuidava. Foi difícil mesmo pra ela que sempre trabalhou fora, pois sempre foi distante de burocracias. Tive que aprender a entender o lugar dela enquanto mãe, e também deixar ela tomar certas atitudes e aprender a falar, porque tem coisas que não posso fazer ou falar por ela. Mesmo meu pai sendo um homem 10 anos mais velho que ela, ele sempre foi muito amoroso e compreensivo, evitava brigas e discussões no casamento. A minha mãe enfrentou problemas de saúde cedo, sofreu três abortos, e o último o bebê já estava com 8 meses. Também passou por duas cirurgias cardíacas, foi um período difícil e sofrido.

Saí de casa aos 17 anos e fui para capital Curitiba para morar com meus tios. Não durou muito a moradia, sai da casa dele em poucos meses e fui morar em um pensionato na Amintas de Barros, no alto da Rua Quinze, em Curitiba. Eu queria conhecer outros lugares, queria cantar, ser artista e conhecer outras pessoas. Pra mim, Foz do Iguaçu era um lugar esquisito e continua sendo, mas agora sei que é por ser conservadora e classista.

Meus primeiros anos em Curitiba foram bem difíceis, o trabalho mal dava para o aluguel, mas eu saia todo dia e conhecia muita gente. Neste meio conheci o movimento hip-hop do Shopping Itália, onde a galera do rap e do break se encontrava. Logo depois comecei a trabalhar em um salão de beleza de uma prima da minha mãe, a Raquel. Lá eu aprendi a fazer tranças, era um salão frequentado por todo tipo de

mulheres, gays, trans, lésbicas, garotas de programa e seus cafetões, um público negro diverso. No Shopping Italia, a roda de break também tinha um número significativo de negros. Me encontrei, foi a grande descoberta da minha vida. Eu, uma jovem negra, sentia que não pertencia dentro deste espaço. Em Curitiba conheci o racismo escancarado, mas também conheci o movimento negro logo em seguida do movimento hip-hop. Aí sim eu me identifiquei, o movimento negro também foi o que me levou para a Umbanda e o Candomblé, nesta ordem. E mesmo dentro destes espaços eu ainda não tinha achado a minha voz, a minha forma de me expressar e de me ver no mundo parecia uma constante procura.

Lembro que o meu gosto pela leitura também me acompanhou, eu frequentava a Biblioteca Pública do Paraná durante vários dias da semana. Dentro do movimento hip-hop, conheci Paulo que foi meu “companheiro” por oito anos, ele escrevia e cantava. Dentro desse movimento organizado comecei a escrever sobre hip-hop em revistas zines com vários grupos de todo o Brasil, tudo em uma máquina de escrever Olivetti vermelha. A escrita foi me dando autoestima, fui desafiada a cantar e cantei, mas não era isto ainda. Continuava escrevendo. Me envolvi mais profundamente com a militância do movimento negro em 1995, após um jovem Carlos Adilson Siqueira, negro foi assassinado covardemente por nazistas no Largo da Ordem. A notícia correu o Brasil e Milton Barbosa (fundador do Movimento Negro Unificado) veio até Curitiba. Então conheci o Movimento Negro Unificado, aprendi lições que guardo até os dias de hoje. A militância do MNU era potente, incluindo desde Lélia Gonzales, Florestan Fernandes, Beatriz Nascimento e Abdias do Nascimento. Fui para os encontros do movimento em São Paulo (ABC, Peruíbe, Campinas, Diadema), Rio Grande do Sul, e no dia 13 de maio de 1995 organizamos e fundamos o MNU (movimento negro unificado) PR, batizado em memória de Carlos Adilson Siqueira com seu nome (CAS).

Eu continuei escrevendo com vários grupos do Brasil, escrevia em zines e em cadernos. Durante a minha história de vida com Paulo sofri violência doméstica por alguns anos, e a escrita foi um suporte. Nem no movimento negro ou até mesmo na religião recebi o que chamamos de acolhimento, já a escrita era o meu divã, a minha psicóloga. Retornei para Foz. E com quase quarenta anos comecei a escrever arduamente para não enlouquecer. A depressão me pegou. Do meu relacionamento tive uma filha e não pude contar com muitas pessoas. No final de dois mil e dez retornei para Curitiba, me separei do Paulo, pai da minha filha, e ele veio a falecer.

Nesse período conheci muita gente da área das artes, do teatro, da dança e da militância em geral. Boa parte delas frequentava o terreiro de Iyagunã, na região do Bairro Alto, em Curitiba. Acabei frequentando encontros políticos e de produção de cultura e da educação, eventos que me levaram a ler minha poesia para o público, já que antes eu publicava nas redes sociais e muitas pessoas me conheciam devido a minha escrita. Meu grande desafio foi me apresentar em uma faculdade privada, na formatura de Tati Picouto, uma amiga. Apesar do nervosismo, ao final da apresentação, fui abordada por dona Lourdes uma senhora dos altos dos seus quase setenta anos, me disse que eu a havia tocado muito. Me disse que eu tinha que escrever livros e falar para todas as pessoas como ela, pois ela estava triste e saiu de lá feliz aquele dia. Mal sabia ela do impacto daquela fala naquele dia para mim, a escrita era a minha voz, a minha forma de me expressar.

Depois desta apresentação peguei gosto e deixei o medo de lado, desafiada a participar de um SLAM fui na primeira edição do “Slam Contra Ataque”, a edição até hoje ainda é realizada no Largo da Ordem em frente ao Cavalão Babão, ponto central do Largo da Ordem na cidade de Curitiba, onde todos acabam se encontrando. Eu estava acompanhada do meu grande amigo e ator de teatro, André Daniel, que me tranquilizava e falava: “respira”, e da minha filha Bamidelê. Foi lindo, fiquei entre os três finalistas, e a participação no Slam me levou para outros públicos como o “Sarau da casa 102” (Casa Amarela), onde conheci outros poetas e uma galera mais alternativa, universitários, cantores, artistas visuais, cineastas, atores e artistas do rap também. No mesmo ano participei do “Sarau do Ventre” na Universidade Federal do Paraná a convite de Yohana Rosa, uma poeta preta linda. Também contamos com o apoio do NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros) da UFPR. Foi lindo, várias mulheres negras escolheram poesias minhas para ler, todas expostas em um varal de poesias, até fui entrevistada para o jornal da UFPR.

A partir daí vivi grandes descobertas.

Um dia, na minha casa, recebi a ligação de Will Amaral, sobrinha de Laura Santos, me convidando juntamente com mais 27 mulheres negras para declamar os poemas de Laura do livro Sangue Tropical e Poemas da Noite. Eu não conhecia a obra de Laura, mas já conhecia a sua sobrinha Will, ativista de direitos humanos e do movimento negro. O Sarau aconteceu no dia 18 de junho de 2011 com a família da Laura Santos presente para homenageá-la. O evento ocorreu na Casa Cultural Hoffman, no Largo da Ordem, um espaço cultural de dois andares. O dia do Sarau

estava frio, a casa estava toda enfeitada com fotos de negros em suas paredes e uma foto grande de Laura na entrada e outra na frente do palco. Will e Maurren, sobrinhas de Laura, me apresentaram a obra e falaram um pouco da biografia da tia. Fiquei intrigada com a obra cheia de sensualidade, desejos e um pouco de mistério.

Os anos se passam e em 2016 a obra de Laura vem à tona novamente na feira do Afroempreendedor, também organizada por Will Amaral. Depois disso, fui trabalhar com produção teatral com o Grupo Baquetá, o trabalho com atores, entre eles André Daniel, Kamylla, Fernanda Fuchs, Petrus Cuesta, me ensinou as dimensões da arte do povo como o Jongo, Maracatu e Coco. Vivi uma linda experiência como produtora no meio do teatro, no Paraná e em Santa Catarina, mas nunca abandonei a escrita. Em 2017, estudando com minha filha Bamidelê resolvi fazer ENEM. E em 2018, voltei novamente para Foz do Iguaçu, precisei tomar coragem para voltar para esta cidade, mas minha mãe precisava de mim, a morte do meu pai repentinamente foi um choque para todos da família.

Neste ano ingressei na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA, o espaço universitário foi e está sendo um grande desafio pra mim. Sou a primeira da minha família a me formar no ensino superior, realizei grandes descobertas, trocas, ensinamentos, aprendi coisas novas e me desafiei principalmente na escrita e na política. A política foi algo que sempre gostei, entrei para uma Mandata coletiva de mulheres negras, foi um tanto precipitado, eu assumo, mesmo porque não conhecia a todas. A única mulher com quem eu tinha proximidade maior era Nicole Machado veterana de meu curso de Mediação Cultural na Unila, mas com o tempo fomos compartilhando histórias em comum principalmente com Crica Galdino filha de **Mãe Marina** tive a oportunidade de conhecer toda família, e conviver um pouco com todos, Fabiola Montegutti que estava na madata, também era filha da casa e Amanda Silva por quem tenho um carinho a mais jovem de todas nós. A experiência valeu para entender que Foz do Iguaçu quer continuar assim, conservadora e classista.

No curso de Mediação Cultural pude unir a escrita e o audiovisual, o que eu gostei demais. Já havia tido uma experiência linda em Curitiba com a Banda Mulamba e a diretora Virgínia Ferrante no vídeo “você vai lembrar”, e hoje creio que esta seja uma das minhas grandes paixões: atuar em frente às câmeras. Já participei de quatro curtas universitários e dois roteiros, escrever me abre possibilidades. Agora, no final da minha graduação, me deparo com Laura Santos novamente (na verdade eu nunca

a esqueci), Laura é um grande mistério, que me atravessa de uma forma única. A tematização sobre corpo e desejo é algo difícil pra mim, é complicado expressar essas questões na minha escrita. Falar e sentir os processos do corpo enquanto mulher e negra: essa é a conexão que me falta na poética do corpo.

O meu corpo fala comigo constantemente, aprender a ouvi-lo nestes últimos anos foi difícil. Uma mulher negra é uma mulher cansada e exausta, essa é a frase mais verdadeira que ouvi nesses últimos tempos. No período de pandemia passei por processos de saúde mental com minha família e pensei que não aguentaria, mas no Candomblé sou Oyá, um Orixá de guerra e lutas, justiceira, mãe, impulsiva, que move o mundo das transformações. O Candomblé foi uma grande fonte de descoberta e de força, e esta força precisou ser revitalizada, a força do meu “eu”. Muitas coisas que eu não entendia, fui entender somente na casa de axé. Pude me perdoar de várias neuras e ver o quanto posso ser corajosa, mesmo tendo um imenso medo de água parada à noite, o que só fui entender quando lembrei como foi meu nascimento. Aprendi a não desistir do que eu acredito, mesmo me sabotando tanto, entendi que isso faz parte de um processo violento da história de meus antepassados e mesmo desistindo de vários caminhos dos quais eu achava que eram pra mim, saber que muitas vezes “Eu estou” e não “Eu não sou”. Eu estou neste momento fazendo algo importante pra mim e pra toda essa minha história.

A pandemia foi um caos, mas também contou com momentos de acolhimento e resistência vindos de mulheres negras que a vida me deu de presente, como a professora Lucimara Dias (UFPR). Nos conhecemos em Curitiba, no Sarau Universitário, Lucimara me procurou e conversamos sobre poesia e escrita, e ela me propôs escrever juntamente com ela e a professora Lucilene Soares um capítulo do livro “ Narrativas sobre Feminilidades” (2020) – **Tres mulheres negras , seus retalhos- escritas costurando a colcha vida na dor-resistência**. O material foi organizado por Loraine Trombini e Paola Cavalheiro Ponciano. Simultaneamente, eu estava em um projeto com a professora Angela de Souza (UNILA), que organizou o livro “**Vozes mulheres da América Ladina**”, não pude participar do processo da escrita das biografias, mas minhas poesias estão lá. Angela foi uma das poucas pessoas que sabia o que realmente estava acontecendo na minha vida naquele momento. A escrita, a literatura e a poesia mais uma vez foram meu processo de cura.

De todos estes parágrafos da história da minha vida, eu trago aqui no meu corpo o rosto do meu pai e seu jeito comunicativo, do meu avô tenho a paixão pela dança e a vida, da minha avó a voz alta e a risada. E sou como ela, uma contadora de histórias que seguiu o próprio caminho com toda esta ancestralidade. Ainda tenho aqui minha tia Vera, que sempre me apoia nesta jornada universitária. Minha tia Elenice perdemos para o câncer há poucos dias, na nossa última ligação ela falou que viria para Foz assistir minha defesa de TCC. Minha mãe ainda tem esta pouca voz, mas o olhar dela é uma de suas maiores expressões. Temos passado mais tempo juntas, conversamos e tomamos chá, todo o apoio para a minha graduação recebi dela, aprendi muitas coisas com ela, como a dar valor ao trabalho e servir as pessoas com amor. Ela, como o meu avô, tem um amor pela terra, temos horta (com quiabo, milho, vagens, jabuticabas e ervas como alecrim, cidreira, hortelã e guaco) e como a minha avó, ela tem paixão por orquídeas e flores em geral. E eu, como ela, também amo a terra.

Escrevendo aqui estes relatos fiquei imaginando como foi a vida de Laura Santos, nesta mesma Curitiba que eu conheci anos depois. Lembrei do espaço da Biblioteca Pública, um lugar que Laura frequentava muito. Não lembro de vê-la ou de ver qualquer menção a sua obra. Mas da sua amiga Helena Kolody sim, havia uma grande foto dela nas escadas, todos que entram na biblioteca ficam de frente para o rosto de Helena. A Biblioteca também foi meu lugar no período de vivência em Curitiba, onde eu lia muitos livros, onde eu estudava, um espaço de escrita onde se ouvem as vozes que saem dos livros. O reconhecimento da obra de uma mulher negra finda no esquecimento, mesmo em obras grandes, cinematográficas, teatrais e literárias.

Laura Santos é uma inspiração e por isso se torna o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso em Mediação Cultural. Uma mulher negra em uma cidade no Sul do Brasil escancaradamente racista, que enfrentou este obstáculo a sua forma, no ambiente educacional e literário, sendo pioneira, sonhadora e dona de seus desejos. Desejo, esta é a palavra que define Laura, cercada de mistérios como as histórias de outras mulheres, as mulheres da sua família que são um grande número de mulheres na educação e na arte.

O desejo de Laura está presente em toda sua obra escrita e também quando ouvimos relatos da família, dos desejos mais comuns como casar e ter filhos, aos

mais íntimos presentes na poesia. São desejos carnais, desejos de alcançar algo na vida que não se concretizou, desejos do amor tão particular em linhas escritas sutilmente desenhadas. Aquela mulher que vi em uma foto em um novembro frio na casa Hoffmann, com os cabelos presos em um coque, olhar fixo, firme, os olhos de Laura liam e expressavam junto ao corpo os seus desejos. Em uma sociedade patriarcal e racista, os desejos de uma mulher estão sempre distantes ou vistos como inexistentes. A mulher negra ainda é um não-corpo, não-humano, vista como o não bonito, o não delicado, o não desejado, um corpo mutilado socialmente desde os hospitais até as escolas.

Durante este estudo da obra de Laura estudei e reli a obra de outras mulheres que desafiaram estes espaços de não pertencimento: **Leda Maria Martins** sobre este corpo que tem sua própria escrita, **Sobonfû Somè**, uma mulher africana da comunidade Dagara que escreve sobre a intimidade o desejo as relações na comunidade. **Lèlia Gonzalez fala** sobre a mulher negra na sociedade, e **Bell Hooks**, que narra em seu texto processos históricos nos afeta na relação com o amor, o que Laura tanto desejou e está tão visível em sua poesia, trago o Quilombo de **Beatriz nascimento** para falar de terra e pertencimento.

Iniciei este TCC e ainda não tenho segurança em como fazer esta conexão com Laura. Na verdade, o que queria não é mais possível, sentar com Laura e conversar. Diante da falta de documentos e informações sobre Laura, comecei a escrever para ela. Incluindo esta escrita sobre mim e minha família, sobre o meu encontro com a poesia e depois com a escrita em geral, todos os meus medos, anseios, falhas e erros do período de alfabetização, a minha evasão escolar no ensino médio e depois o meu retorno ao ensino superior. Estes não foram espaços onde fui sempre recebida de braços abertos com comemoração, por isso penso em uma mulher negra na década de cinquenta vivendo nestes espaços. Laura foi a mulher nestes espaços. Penso nos olhares que ela recebeu, nas falas, no quanto ela fingiu não ouvir. Apesar disso tudo, sua poesia fala dela, como mulher, com todo o amor.

ASSENTAMENTO II: EM BUSCA DA POESIA E DAS MEMÓRIAS DE LAURA

Eu desejo que a história de Laura Santos seja lembrada, eu desejo que ela seja lembrada.

Manoel Gonçalves dos Santos e Antonia Higino da Costa, pais de Laura, se casaram em Paranaguá e vieram para Curitiba, o pai trabalhava de engraxate e a mãe era lavadeira. Laura Gonçalves dos Santos nasceu em 30 de novembro de 1919, foi uma admiradora da obra de Olavo Bilac, aos 13 anos compôs seu primeiro Soneto-Aspiração, com 17 anos perdeu os pais, ficou responsável por cuidar dos irmãos Lauriana, Lenira, Lucy, Lourival e por conciliar os estudos¹.

Laura Santos estudou na Escola Normal Júlia da Costa, ingressou no curso Técnico em Análises Químicas, pelo Instituto de Química do Paraná, frequentou o curso de Enfermagem com o propósito de alistar-se na Cruz Vermelha e atuar durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1963, ingressou no curso de Saúde Pública, na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, tornando-se funcionária pública e atuando como educadora sanitária. Lecionou Matemática e Língua Portuguesa no Grupo Escolar Dom Pedro II, foi também jornalista e colaboradora de periódicos e revistas literárias da época e de jornais como a Gazeta do Povo e Diário da Tarde onde escrevia com um **pseudônimo** - esse fato torna muito difícil identificarmos quais textos eram de Laura. Com o trabalho “História da Evolução da Aviação” em 1937 venceu o concurso promovido pela Base Aérea.

Ela também foi sócia fundadora da Academia de Letras José de Alencar e participou do Centro de Letras do Paraná. Já em 1938, seu nome surge no primeiro tomo da Antologia Paranaense, editada por Rodrigo Junior e Alcebíades Plaisant, em que também se anuncia a preparação de seu primeiro volume de poesias, “Sangue tropical”. Essa obra, como as duas outras por ela assinadas – “Poemas da Noite” e “Desejo” – seriam concluídas em 1953, mas permaneceram inéditas. Seis anos mais tarde, foram publicadas por meio do livro “Um Século de Poesia: poetisas do Paraná”, editado pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura. Pompília Lopes dos Santos organiza uma nova Antologia Sesquicentenário da Poesia Paranaense (1985) e cinco

¹ Informações obtidas no material audiovisual: Laura Santos.Caroline Piazzaroli.**youtube**. 30 de novembro de 2017/13:39- disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHWSwGAaWVo&t=35>. Acesso em 28/08/2023

anos depois, já em 1990, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC) publica mais três livros da autora².

Em Curitiba, o nome de Laura é homenageado em diversos espaços da cidade, tais como: a Casa da Leitura Laura Santos, na periferia de Tatuquara; o Centro Municipal de Educação Infantil Laura Santos (CMEI), localizado no bairro Prado Velho; além de ter sido homenageada pela Associação das Defensoras Públicas e Defensores Públicos do Paraná (ADEPAR)³.

Ainda assim, há muitos mistérios sobre a obra e a vida de Laura, pois existem poucos relatos a seu respeito. No entanto, graças a minha proximidade com suas sobrinhas, fui uma das poucas a ter acesso a alguns documentos pessoais, como diplomas, registro de nascimento e morte, além de fotos. A própria família de Laura só descobriu sobre a obra dela após sua morte. O pesquisador e jornalista Claudécir O. Rocha⁴ fez uma vasta pesquisa sobre a obra de Laura, incluindo relatos pessoais e entrevistas. Segundo ele, Laura foi uma poeta que usava o corpo como forma de linguagem, com carga poético-erótica. Destaco que essa análise se relaciona a visão de um homem branco entrevistando pessoas brancas que conviveram com Laura, como a poetisa Helena Kolody, que fez um compilado das obras de Laura no livro “Poemas”.

As entrevistas e análises feitas por Claudécir dizem que Laura não se sentia inferiorizada, que era “descomplexada socialmente”, muito segura de si, e que sua escrita não possuía “engajamento ideológico”, ou seja, não levantava a bandeira feminista e racial. Vejo o apagamento da questão racial sobre a obra de Laura, sem sombra de dúvidas. Entendo que falar sobre corpo de maneira tão forte em 1950 era a bandeira de Laura, sendo uma forma inteligente e corajosa de não ser contestada ou perseguida por falar de lutas mais diretamente. Mas só mesmo outras mulheres iguais a Laura podem entender o quão política e corajosa foi esta escrita: a escrita poética, a escrita do corpo, a escrita do pertencimento, a escrita da ausência, a escrita do que foi negado a Laura até os dias atuais.

² Informações obtidas no Centro de Documentação da Literatura de Autoria Feminina do Paraná da UEM (2012).

³ Informações obtidas junto aos familiares de Laura, especialmente sua sobrinha Will Amaral.

⁴ Conferir em ROCHA, Claudécir de O. Laura Santos e a arte do incontrolável desejo. **Cândido**, Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, n. 52, nov. 2015. Disponível em [Laura Santos e a arte do incontrolável desejo | Biblioteca Pública do Paraná \(bpp.pr.gov.br\)](http://laura.santos.e.a.art.e.do.incontrolavel.desejo|Biblioteca.Pública.do.Paraná.(bpp.pr.gov.br))

Então, certamente precisamos fazer uma releitura da obra de Laura, como escreve Henrique Marques Samyn (UERJ), que analisa a escrita de Laura pelos olhos de um homem negro. O professor Henrique reflete sobre a recepção da crítica em relação a obra de Laura e as questões existentes nesta escrita: o corpo, o erotismo e a suposta indisposição para “levantar bandeiras”.

Já no que diz respeito a uma suposta resignação de Laura Santos, ou à sua disposição para levantar “bandeiras” políticas - patente em leituras que a caracterizam como uma poetisa indiferente ou infensa às reivindicações feministas por exemplo - , parece-me necessário questionar em medida os movimentos que, em sua época, vocalizam essas reivindicações seriam capazes de representar suas demandas particulares de mulher negra que, apesar de sua origem humilde, logrou encontrar espaço entre a intelectualidade curitibana. Em outras palavras: quando se fala de feminismo, de que feminismo se fala? Com que feminismo(s) poderia uma mulher negra, na posição particular de Laura Santos, dialogar? (SAMYN, 2018, s/p).

A exceção a esse respeito é trazida por Rosana Cássia Kamita que “enxerga na autoafirmação de Laura Dos Santos como poetisa uma expressão dos conflitos enfrentados pela subjetividade racializada” (SAMYN, 2018, s/p), afirma também o professor Henrique em seu texto. Segundo esta sociedade patriarcal e racista não cabia para uma mulher negra uma escrita do corpo, já que a mulher negra nunca foi lida como corpo de desejos. Já por escritas da branquitude, as mulheres negras costumam ser objetificadas e coisificadas. O corpo negro também não era associado ao intelecto, um sujeito feminino e negro jamais era valorizado na literatura. Ainda segundo o professor Henrique há na poesia de Laura formas próprias de resistência como exemplo na poesia “Alma” que figura o encarceramento, ou “Morena” descrição minuciosa do corpo feminino, há nelas também pessimismo, angústia e solidão. Lendo assim, parece que Laura fala de todos os assuntos atuais sobre os quais nós mulheres negras conversamos e discutimos abertamente, porque nossa história se repete por gerações.

Alma

Laura Santos

Mora bem no fundo do meu ser
a Alma que vem em vão procuro conhecer
As vezes é pagã outras vezes sagrada

Alma de nevò errando pela altura
Nas asas rubras da imaginação
Em busca de uma rutila alvorada
Ou de uma desventura
No anseio louco de libertação

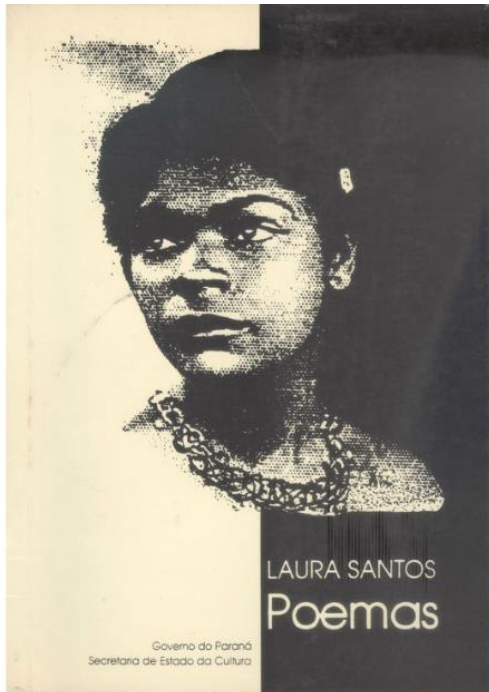
Morena

Laura Santos

Contemplando teu vulto um mistério adivinho
em tuas formas, no olhar e nos lábios mimosos,
um beijo virginal com dúcido carinho,
olor primaveril, supra -divinos gozos...
Sonhos belos de amor sem mágoa, sem espinho
vivem sob a negror dos teus olhos formosos!
A tua vida è um veludoso ninho
de anseios juvenis e sonhos vaporosos
O teu corpo gentil, com maciez de veludo
transporta-nos cantando à celestial esfera
a tua voz tanta vida e tanto ardor experime!
Doce canção que põe sonho e perfume em tudo
ès segredo de amor rosa de primavera
e pulsa no teu ser um coração sublime

Mesmo com grandes referências de escrita e de reflexões sobre nós e nossos corpos, ainda temos que ressignificar ambientes e lugares onde não somos bem recebidas e, como Laura, resistir por caminhos menos visíveis sem nos invisibilizar ou apagar nossas histórias e narrativas corporais.

Desejo que sua obra poética seja assentada e que sua escrita tenha o reconhecimento sagrado assim como todo seu sentimento, que seja assentada ao seu devido lugar de merecimento. Apresento a seguir algumas imagens de Laura cedidas pela sua família:



*O Centro Cultural Humaita convida para mais
Sarau Afro-curitibano.*



- ◉ *Data: 18 Junho 2016*
- ◉ *Horário: às 19h.*
- ◉ *Local: na Casa Hoffmann - Largo da Ordem.*

*A homenageada será a poeta negra,
Laura Santos.*

*As famílias Gonçalves dos Santos, do Amaral, dos
Reis, da Silva, Costa, Rabello e Alves Ribeiro
sentir-se-ão honradas com a sua presença!*



Pretas com Poesia
Convida
Sarau literário
Leitura da obra de
LAURA SANTOS

Traga sua poesia autoral

26 de Agosto
14h

Sede do
Bloco Afro Pretinhosidade
Rua Baltazar Carrasco dos Reis, 381



(Fonte: imagens cedidas pela família de Laura Santos)

MULHERES NEGRAS: MEMÓRIAS, CORPO E PALAVRA

Apresento alguns estudos teóricos que acompanham como base a construção da peça “Em Busca de Laura Santos: Desejo que nós sejamos lembradas”. Esse estudo foi fundamental para construirmos diálogos reflexivos e contextualizarmos as questões trabalhadas artisticamente em cena. Entre as décadas de 1920 e 30 artistas, intelectuais e literatos se uniram para criar uma identidade regional que incentivasse a produção sobre o sentimento do que era ser paranaense e de quais eram os elementos do estado, este movimento se chamou **Paranismo**. E nesta combustão cultural nasceu Laura Santos, uma poeta, educadora, mulher e negra, somando o fato de viver em Curitiba, a cidade que sempre invisibilizou a população negra com o mito de ser uma capital Europeia. Nesta década, as mulheres negras ainda estavam longe dos espaços educacionais e acadêmicos, e também longe do mercado de trabalho formal com direitos garantidos.

A professora, antropóloga e militante Lélia Gonzalez em seu texto “ A mulher negra na sociedade” (1982) fez um estudo dos lugares onde a presença da mulher negra está ou é negada veementemente, espaços onde estes corpos são objetificados e muitas vezes em nome da arte são estereotipados. Lélia também faz uma análise sobre o crescimento da indústria e o lugar da mulher no mercado de trabalho, o caminho de acesso a esses espaços são as vias interseccionais que mostram a exclusão, evidenciando que a branquitude assumindo espaços de poder é racista, machista e sexista.

O censo de 1950 foi o último a fornecer dados objetivos indicadores básicos relativos à educação e aos fatores de atividade econômica da mulher negra. O que então se constata era o seguinte: nível de educação muito baixo (a escolaridade atingindo no máximo, o segundo ano primário ou primeiro grau, sendo o analfabetismo o fator dominante. (GONZALEZ, 1982, pg. 96).

As instituições de educação são ambientes onde também se moldam os corpos para dinâmicas de poder. Para muitas mulheres negras a educação e a conquista de liberdade financeira andam juntas, e na maioria das vezes em jornadas duplas. Para Laura Santos não foi diferente, foi responsável pelo cuidado dos irmãos após o falecimento dos pais, viveu jornadas triplas entre trabalho em dois locais diferentes junto da responsabilidade familiar, e mesmo assim não se afastou da escrita poética.

Quando percebo, na escrita de Laura, as referências ao corpo e ao desejo, lembro novamente de Lélia Gonzalez, que explica que o corpo da mulher negra não estava nos espaços de direitos à educação. Os espaços de trabalho para a mulher negra eram os domésticos, enquanto que o espaço das fábricas foi ocupado por mulheres brancas, devido ao racismo velado no quesito “boa aparência”. Para ocupar outros empregos também era necessário ter um nível de escolaridade significativo, que a mulher negra também não tinha, devido a todo um sistema de racismo estrutural que mantinha negros fora do ambiente escolar. “De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e ‘mulata” ’ (GONZALEZ, 1982, pg. 98).

A noção de mulata é uma prova da coisificação destes corpos: muitas mulheres negras saídas das comunidades têm seus corpos expostos em shows para deleite de turistas, e muitas mulheres negras também são exportadas para fora do país, terminando por fazer parte da rota do turismo sexual com abusos de todo o tipo. Os corpos negros são objetificados, são corpos do trabalho braçal. Os ambientes domésticos são resquícios do período escravocrata, muitas mulheres negras são vistas até os dias atuais apenas para servir. Fora deste ambiente servil, são sujeitos preteridos para seus mais profundos desejos e amores, muitas vezes são mães solo, são mulheres que vivem ajudando outras mulheres como elas, são mulheres que vivem a solidão em toda a sua vida.

Mulata Exportação

Elisa Lucinda

“Mas que nega linda
E de olho verde ainda
Olho de veneno e açúcar!
Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelo?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaokê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.

Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembrás da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!

(Da série “Brasil, meu espartilho”)

Elisa Lucinda - Escritora , poeta, atriz , cantora

A professora e ativista Bell Hooks faz um estudo sobre o amor e nossa capacidade de amar e aceitar o amor em nossas vidas. Em seu texto “Vivendo de Amor” (1993) a autora resume de forma didática como processos históricos de violência nos afetam e comprometem as nossas atitudes em relação ao amor e a ser

amada. A autora reflete sobre atitudes até na maioria das vezes inconscientes carregadas da crença que não somos merecedoras ou não temos o direito de amar e ser amadas. Essas percepções se devem, segundo a autora, ao processo de opressão escravocrata, porque um corpo oprimido não tem autoestima e autoconhecimento, dessa forma se auto sabota. Um corpo que passou pelo processo de exploração muitas vezes não se vê como bonito ou desejável, e busca se alinhar aos padrões estéticos.

Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Muitas de nós, mulheres negras, aprendemos as nossas necessidades mais íntimas, enquanto desenvolvemos nossa capacidade de confrontar a vida pública. Muitas vezes confundimos o reconhecimento de nossas emoções com o desejo de se manter em controle (HOOKS, 2008, s/p).

Para nós, mulheres negras, o amor passou pela ação de cuidar do outro (cuidado com a família, principalmente filhos), muitas vezes mantendo o papel de fortes, porque fomos ensinadas que chorar é sinônimo de fraqueza. Para mulher negra não é possível pedir ajuda, “porque você é forte, consegue sozinha”. Também não é permitido desanimar ou perder o controle, pois será chamada de louca ou barraqueira. Mesmo quando a mulher negra está exausta e triste, o amor é uma ação sem retorno, o amor é uma ausência, um desejo. A dor e a separação foram vividos por nós durante o sequestro de nosso mundo em comunidade e de nossa cosmovisão, essa mesma dor e separação se refletem nas nossas formas de entender o amor e de demonstrar o amor. Mas e se ainda vivêssemos em nosso coletivo, como nossos antepassados?

Compartilho aqui a vivência da Sobonfu Somè, filósofa e professora, que viveu em seu coletivo na comunidade Dogara, em Burkina Faso. Em seu livro “O Espírito da Intimidade” (2019), descreve minuciosamente a vida em coletivo dentro de um contexto de comunidade, onde tudo é discutido com os mais velhos (anciões), desde os problemas domésticos, doenças, mortes, dores, trabalho, medos, receios, vida espiritual, vida de casal e suas conexões. “Todos temos em comum, que é o desejo da intimidade [...] A intimidade é sagrada” (SOMÊ, 2009, pág. 103), mas é algo que assusta, nos sentimos invadidos. Descolonizar o pensamento talvez seja a chave para desfazer condicionamentos com os quais fomos criadas para defender o nosso individualismo. Teríamos a vivência de compartilhar a intimidade se não fosse a

travessia do Atlântico Negro de forma tão violenta, nos foram tirados pensamentos e memórias. Nosso espírito perdeu a conexão, perdemos a imagem do coletivo e o lugar de pertencimento.

O assentamento na terra só foi retomado em “Quilombos”. Aquilombar-se foi necessário para nossa sobrevivência e nossas lutas diárias. Já o amor e a intimidade parece que ficaram em outro plano, principalmente no que se refere a mulheres negras, para nós ficaram somente os desejos.

“A terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando estou, eu sou” (RATTS, 2006, pg. 59). Em sua obra descrita por Alex Ratts, Beatriz Nascimento também escreve sobre a individualidade da mulher negra, refletindo que há a conquista de certos padrões, alcançados por especialização profissional, mas há também o afastamento das relações de amor e dos desejos.

DESEJO

Laura Santos

Sinto um desejo enorme embalando meu sonho
Sinto uma força estranha e criadora ,
vibrando no que penso e no que vejo
Minha alma está repleta de ansiedade
Quer dizer cousas belas e sublimes
que dessem volta ao mundo e findasse
os choques desta era transitória

E se puder doar aos versos que componho
o sentido ideal que encanta e harmoniza
eu sentirei orgulho e sentirei a glória ,
Glória de ter nascido poetisa!

Laura Santos foi uma mulher que falou e escreveu sobre seus mais profundos desejos e sonhos, a poeta construiu uma escrita muito pessoal sobre o corpo e seus desejos. Trata-se de uma obra cheia de mistérios, essa poeta talvez seja o que descreve a professora, poeta e dramaturga Leda Maria Martins em seu livro “Performance do tempo espiralar” (2021):

Um corpo voz inventário que limpa, restabelece, restitui, reivindica ,
respira e inspira, em perene processo de cura, escavando vias

alternadas de outros devires possível, sempre desejoso de transformações do corpus social.(MARTINS, 2021. pg. 162).

O tempo de Laura não é o mesmo que o meu, falo de datas e de números logicamente, mas o tempo de Laura na escrita está profundamente ligado a mim e a outras mulheres da comunidade negra. Para nós, mulheres negras, o tempo passou e as obras escritas, incluindo nossas artes em geral, são um espelho retrovisor, visualizamos e depois olhamos para frente para nos situarmos: quem somos e quem foram as outras, olhamos sempre para o espelho.

O movimento desse eu, sujeito de sua própria enunciação, engravida o texto de referência dos prefaciadores, citando o corpo da mulher como uma paisagem perenemente inaugurada por ela mesma e por suas antecessoras.(MARTINS,20121, pg. 173)

Ao incorporar na escrita da poesia tudo o que se deseja, no silêncio performático, o corpo se torna o instrumento que transcreve mesmo sem voz o sentimento na escrita. A palavra do corpo sangra, mas escreve, a palavra do corpo corta a carne viva e a palavra no corpo não morre, vibra até as cinzas. Um corpo político é um corpo que escreve sobre as vulvas e seus desejos. E escreve sobre as noites em pêlos, ardendo como o fogo e queimando a língua. A palavra do corpo cobre a lua e faz brilhar o sol na poesia da poeta que não se deixou morrer de desejo. As palavras de Laura ficaram entre as escolas onde ela ensinava e as casas nas quais ela passava. As palavras de Laura ficaram na matemática e no português que ela ensinava, as palavras de Laura ficaram na enfermagem como sonho que não foi realizado. A palavra corpo, para Laura, nasce em novembro de 1919 e se apaga em 1981, ignorada.

Percebemos o apagamento da poetisa e de sua poesia cheia de desejos, que inclui corpos carentes de toques e o anoitecer como atmosfera, mas a memória não esquece de onde veio. Assentada, a obra de Laura chegaria em seu devido lugar como corpo e memória. Quanta coragem Laura teve ao falar de seu eu particular, de narrar tantos desejos com cartas cheias de amor, mas sem reciprocidade. Ou será um mistério de amor impossível? (o que eu prefiro acreditar).

POESIAS DE LAURA SANTOS

Esses são os poemas de Laura Santos escolhidos para compor a peça “Em busca de Laura Santos: Desejo que nós sejamos lembradas”.

Desejo

Laura Santos

Sinto um desejo enorme embalando
meu sonho
Sinto uma força estranha e criadora
vibrando no que penso e no que vejo!
Minha alma está repleta de ansiedade
Quer dizer coisas belas e sublimes
que dessem volta ao mundo e findasse
os choques desta era transitória.
E se puder doar aos versos que componho
o sentido ideal que encanta e harmoniza,
eu sentirei orgulho e sentirei a Glória,
glória de ter nascido poeta!

Exaltação

Laura Santos

Desejo viver outra vida onde o amor imperasse,
e não fosse fugaz como a nuvem que passa...
Uma vida que fosse construída com a solidez do amor
sem o egoísmo que o ciúme exprime que não fosse perverso
nem sublime mas, acima de tudo , muito humano.
Quisera ter uma lar,
um pequenino mundo muito meu onde reinasse paz...
como uma mulher sentir no fundo de mim mesma espontânea
alegria de formar um novo ser!

Seus Olhos

Laura Santos

Seus olhos
sao dois abismos negros
onde sem saber eu me perdi
são dois sonhos de luz
que despertem minha alma
para a vida

Distância

Laura Santos

Os meus olhos se perdem no infinito
e baila no meu pensamento
um turbilhão de anseios esquisitos
Sinto que suas mãos
deslizam no meu corpo
numa orgia infernal, numa doce tortura
Então, me quedo em um longo devaneio...
Depois compreendo tudo e creio
que esta distância atroz que nos separa
É uma ponte de luz unindo nossas almas.

E você veio

Laura Santos

E você veio de um estranho, um modo diferente
para esta festa sem par do meu amor,
e cheguei a sentir dentro de mim,
uma enorme alegria enorme de ser feliz!
Meu segredo de amor , quisera encobrir mas ,
è inútil porque, o seu beijo manchou-me
os albinos para sempre e,

sua alma fundiu-se em minha alma dolente.
E fiquei com a impressão que o mundo inteiro escuta-o seu beijo
sensual em minha boca!
Nos meus olhos escuros , são lindos poemas que já li.
e as suas mãos de artistas e sonhador se espalham
sombra e luz ficaram imortais
paradas na superfície calma da minha alma.

Insônia

Laura Santos

A luz já se apagou, meu corpo extenuado arrasta
o peso de uma insônia prolongada...
E no meu pensamento desfilam
as imagens dolorosas do meu sofrimento
Algumas me escarnecem
outras em atitudes piedosas ,
choram porque padecem de meu desolamento.
Eis que um raio de luz ja beija a madrugada
e o medonho cortejo se dispersa
e fico contemplando esta alvorada
que è um momento de paz e de beleza
no desfile contínuo da tristeza.

POESIAS PARA LAURA

Apresento algumas poesias que escrevi para Laura Santos no processo de busca e criação artística desenvolvida neste trabalho.

Querida Laura,

Hoje escrevo à noite
a noite e suas inúmeras luas
à noite e seus incontáveis sonhos
à noite e seu relógio que não para
para que o infinito seja tal momento
à noite
sempre ela
invadindo nossa casa corpo

Sueli Crespa

Querida Laura

não quero ser sua voz
não quero ser seu corpo
quero dizer sobre todos os poemas
dos quais você ditou
talvez tenha faltado gritar na rua
em voz alta
no calçadão da boca maldita
todos estes desejos
todos estas noites
em que esperava
o toque

as mãos
o beijo
sem pseudônimo
sem sussurros
apenas gritaria
do bairro de santa Quitéria até a rua quinze
das escadarias da biblioteca do Paranã
gritaria
Onde estão os livros?
Onde estão os jornais?
Onde estão as homenagens?

colocaria a foto na entrada
Laura Santos : poeta

Sueli Crespa

Assentamento de Laura

Assentada está a poeta na cadeira
que ela merece
assentada esta a poeta
na mesa com flores e caneta
papéis, escrita a mão
pela primeira vez a vejo sorrir
e dizer:
aqui estou
assenta na terra Paraná
assentada do Hugo Langue ao Santa Quitéria
Assentada nos versos e prosas
que nunca receberá
Assentada com mãos carinhosas
aos carinhos de poetas te dedicando seresta
noites de desejos
sem fim.....
Assentada na praça de Iroko
na praça zumbi dos palmares
Assentada está em seus mais belos dias.

Sueli Crespa

PROCESSO DE CRIAÇÃO DE “EM BUSCA DE LAURA SANTOS: DESEJO QUE NÓS SEJAMOS LEMBRADAS”

O início da minha graduação já foi um desafio por várias questões, primeiro por voltar para Foz do iguaçu, o que sinceramente não estava nos meus planos. Mas depois de uma visita da minha mãe, eu e minha filha ficamos preocupadas com ela. Eu precisava vir, depois isso foi confirmado em um sonho que tive com meu pai. Mas precisava de um motivo para ficar e me sentir viva ou pertencente a este lugar, então resolvi me inscrever no SISU, e fui selecionada. Deu um medo entrar na faculdade depois dos quarenta anos, mas sempre tive o sonho de continuar estudando. Os primeiros anos não foram fáceis. Muitas pessoas falam da dificuldade com a escrita acadêmica e a leitura obrigatória eurocêntrica demais, mas para minha surpresa foram anos de grandes aprendizados e desafios e um deles foi o teatro, a performance em particular, pois neste palco sempre me vi como produtora.

A universidade foi onde me desafiei a enfrentar meus medos, um deles com certeza foi dar conta da escrita, mas também compartilhar muito do meu saber como mulher militante e poeta. No período da pandemia quase desisti da minha graduação, foram muitos desafios, mas eis que no período do pré projeto de TCC parecia que eu já tinha uma pesquisa pensada e pronta para começar a desenvolver. Durante uma aula online com a professora Cris Checchia, fui expor minhas ideias sobre pesquisa mulheres negras poetas na América Latina e suas lutas históricas e comentei sobre Laura Santos. Surpresa, a professora me falou que a pesquisa sobre essa escritora já daria um TCC, e seria uma forma de visibilizar a poeta. Não finalizei a matéria, tive dificuldade e dúvidas sobre o que eu queria fazer. No ano seguinte fiz o projeto na disciplina ministrada pela professora Diana Araújo que também me falou da importância da poeta e do meu TCC. Então escrevi, chamei uma amiga pra me ajudar a juntar arquivos e entrei em contato novamente com a família, comprei livros, assisti vídeos no youtube, separei vários materiais da família e os poucos que encontramos na internet. Também conversei com a professora Angela de Souza do curso de Antropologia sobre minhas dificuldades, e ela, como uma mulher negra, compartilhou sobre pesquisas de outras autoras com biografias de mulheres negras e me falou do livro “Biografia de Antonieta de Barros” e da escritora Jeruse Romão (cujo livro estou lendo). Mesmo assim, eu ainda tinha o desejo de fazer um memorial descritivo com fotos ou performance, mas como Angelene, a professora de Teatro, estava em licença

maternidade, resolvi fazer um artigo monográfico. Não fiquei feliz, desisti da minha defesa uns vinte dias antes do prazo.

Encontrei Angelene em um evento chamado “Mulheres do fim do mundo” no espaço cultural “A Casa”, conversamos sobre o TCC e marcamos uma conversa na Unila. Em nosso encontro, falei de minha aproximação com a poesia de Laura e de todas as minhas dificuldades em acessar informações referentes à autora. Compartilhei as minhas expectativas de defesa e de não estar feliz com o final da minha pesquisa, pois queria que o trabalho fosse mais acessível em todos os sentidos. Desejava que as pessoas pudessem acessar informações sobre a obra e a vida de Laura Santos não pela linguagem acadêmica e que esse trabalho não fosse somente um artigo na biblioteca. Além disso, homenagear Laura Santos era um desejo meu também. O mais difícil era me desafiar e me encorajar a trabalhar o meu corpo em um palco, esta foi minha grande dificuldade na graduação. Mas não queria sair deste curso sem saber se eu seria capaz. Depois da visita de Leda Maria Martins na Unila percebi a importância da performance e do teatro. Ouvindo a fala dela sobre corpo, memória e poesia, entendi a força performática da poética do corpo.

Quem me conhece sabe que já atuei como atriz no cinema e quando entrei na minha graduação muitos me conheciam devido a um vídeo da Banda Mulamba (“Você vai lembrar” - 2017) do qual participei em Curitiba. Esse foi meu primeiro trabalho como atriz em frente às câmeras com uma equipe, e depois, o cinema universitário foi uma grande surpresa pra mim. Recebi o convite para fazer uma intervenção poética com a Camila Coradette, “Mulheres: Acervo de artes que falam, que gritam, que resistem ao patriarcado” (2019). O trabalho era apenas vocal, com a gravação de minha voz. Logo em seguida, fiz parte do trabalho audiovisual “Cor de pele” de Larissa Barbosa (2019) que não tinha fala, apenas expressão facial. Dois anos depois recebi o convite para fazer o curta-metragem “Busco-me” (2022), roteiro de Maria Camila Ortiz e mesmo estando de viagem marcada, a equipe me esperou. Durante minha viagem a equipe fez a preparação corporal com a Angelene, minha orientadora, e em seguida a preparação foi desenvolvida comigo. Fiquei um pouco insegura por ser a protagonista do filme, mas foi desafiador e lindo. De lá pra cá já estou no meu quarto trabalho como atriz no cinema, incluindo uma participação em um trabalho para a Netflix, (DNA do crime, 2022) para minha surpresa.

No primeiro encontro de orientação para esse trabalho, não sabia como seria o meu memorial e o desenrolar desta homenagem. Já havia pensando em criar fotos,

poesias, sonoridades, filmes, e Angelene foi compreensiva me explicando como funcionava cada linguagem e como eram desenvolvidas tecnicamente. Ela me sugeriu pensar nas opções e pesquisar diferentes obras como referências, neste momento enviei para ela o antigo projeto de escrita do TCC, todos os documentos e vídeos sobre Laura. Ao conversarmos sobre a importância do registro da memória de mulheres negras, Angelene me pediu para começar uma escrita sobre mim: Quem eu sou? Qual a minha história? A história incluiu todo meu coletivo familiar, e assim registrei a história de uma mulher negra coletiva, com a grande matriarca, minha avó Maria, seguida de meus pais. Angie falou que era uma narrativa muito generosa. Para mim, escrever essa história foi uma prática necessária e foi minha homenagem para todos que fazem parte do meu caminho. O fruto desse exercício está no primeiro capítulo deste Memorial e faz parte de nossa peça teatral, linguagem finalmente escolhida por mim para este trabalho.

É de fundamental importância descrever aqui que Angie foi generosa e didática, me deixou muito a vontade, me explicou tudo e tirou as minhas dúvidas sobre cada processo. Eu não tinha ideia do que eu queria, a princípio seria um trabalho com fotos e poesias, mas precisaria de uma fotógrafa. Depois, pensei em fazer um filme documentário, mas precisaria de uma equipe e eu não tinha toda esta confiança em trabalhar com outras pessoas. Durante nossos encontros, ela foi me dando segurança em confiar na minha própria narrativa, incentivando-me a me colocar como parte central desta peça e a fazer conexões com a História de Laura Santos. A orientação de Angie foi de uma grandeza ao analisar de fora, ter um olhar enquanto professora e diretora e trazer para dentro da criação este contexto feminino negro, de duas mulheres negras com profundidade, sendo ela uma mulher branca. O teatro também é um espaço de vozes negras, esta arte é muito presente na luta de militantes como Abdias do Nascimento e Léa Garcia no Teatro experimental do Negro, e até os dias de hoje formam-se grandes coletivos como o Bando do teatro do Olodum, que fazem através da arte o letramento racial necessário dentro das artes cênicas. Com o objetivo de descrever parte do meu processo com o teatro, escolhi alguns ensaios para relatar.

ENCONTRO de 26 de maio de 2023

Nosso primeiro encontro prático aconteceu no Laboratório de Artes Cênicas, sala C 115 do Jardim Universitário da Unila. Angi iniciou me falando da importância

Exercício de vocalização simples

Colocar o M antes das vogais para proteger o aparelho fonador. Vocalizar MAAAAA, MEEEEEE, MIIIIII, MOOOOOO, MUUUUUUU.

Exercício para explorar texto e subtexto

A partir de um verso ou poema decorado:

- falar com voz que acaricia
- falar com voz que atrai
- falar com voz que golpeia
- falar com voz que cai como chuva
- falar com voz que arrasa espaços como um tornado
- falar de forma inteira imaginando a voz como um sol quente que irradia ao redor
- falar imaginando que as palavras seguem uma mosca ou pássaro voando pelo espaço e chegando em diferentes lugares
- anotar imagens, sons, sensações evocadas em cada poema/ verso para encontrarmos os subtextos.

Realizei esse exercício primeiramente a partir da leitura de um verso de Laura Santos: “Quero cantar o amor na doce efervescência de uma noite de orgia”. A repeti várias vezes com as diferentes características (golpeando, com ternura, com voz que cai como chuva, etc.).

Anotações de sensações e imagens enquanto eu realizava o exercício:

- *Corpo respira, corpo procurando voz, vozes muitas vozes*
- *Sol, fogo, raiva, grito*
- *Alívio do corpo*
- *Cantar chiado*
- *Exercício pélvico de rebolar, sentir prazer*
- *Olhar a luz branca*

A partir dos exercícios descritos pude sentir as minhas maiores dificuldades e venho trabalhando todos os dias um pouco. Venho percebendo as dores nos pés ao sentir o chão, os calcanhares, a sola dos pés, os dedos e ossos. A partir desses exercícios

e dos alongamentos venho escutando meu corpo para explorar minha presença como atriz.

Buscando referências

Uma das atividades orientadas pela Angi era pesquisar a obra de Grace Passô, principalmente o trabalho “Vaga carne”. Grace Passô é atriz nascida em Pirapora, Minas Gerais, também é diretora e dramaturga brasileira premiada no cinema e teatro nacional. A importância de Grace Passô para esta pesquisa é fundamental por se tratar de uma mulher negra. “Vaga Carne” é um trabalho sobre uma voz sem um corpo, uma voz que busca um corpo para existir e para ser escutada. Durante esta peça há uma interação desta voz com os órgãos do corpo (coração, pulmão, estômago) onde a voz vaga procurando por um lugar para si. A voz é um instrumento de grande expressão e estudar esse trabalho me auxiliou no estudo da minha própria voz. Eu buscava encontrá-la com meu corpo, da mesma forma como e onde os exercícios me mostravam que esta voz se encontra.

Outra importante referência foi o trabalho de TCC de Joelma de Brito que também realizou uma peça teatral. Nos conhecemos na Unila, a história do ingresso dela na universidade é parecida com a minha, ela também veio com a filha para Foz do Iguaçu e também já tinha mais de quarenta anos. Ao aproveitar todas as experiências artísticas que a Unila oferece, como música, dança, coral e teatro, desenvolveu o trabalho “TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE SUÍTE NÚMERO 02: Processo Criativo da Atriz” (2022). Trata-se de um monólogo sobre a situação de uma violoncelista que perdeu os movimentos do corpo, o que lhe resta são as memórias de sua vida.

Angi também me orientou a assistir o filme “Jogo de Cena”(2007) do diretor Eduardo Coutinho, pois estávamos trabalhando cenicamente com meus depoimentos pessoais. Estudando “Jogo de Cena” pude entender melhor o que Angie me pedia sobre falar pausadamente algumas das minhas memórias. No filme fui analisando e estudando detalhadamente as falas e as expressões das atrizes durante suas entrevistas, a obra apresenta histórias do cotidiano de mulheres, incluindo relatos pessoais reais e ficcionais sobre religião, afetos e sonhos.

Também é referência dessa criação a obra de Grada Kilomba:

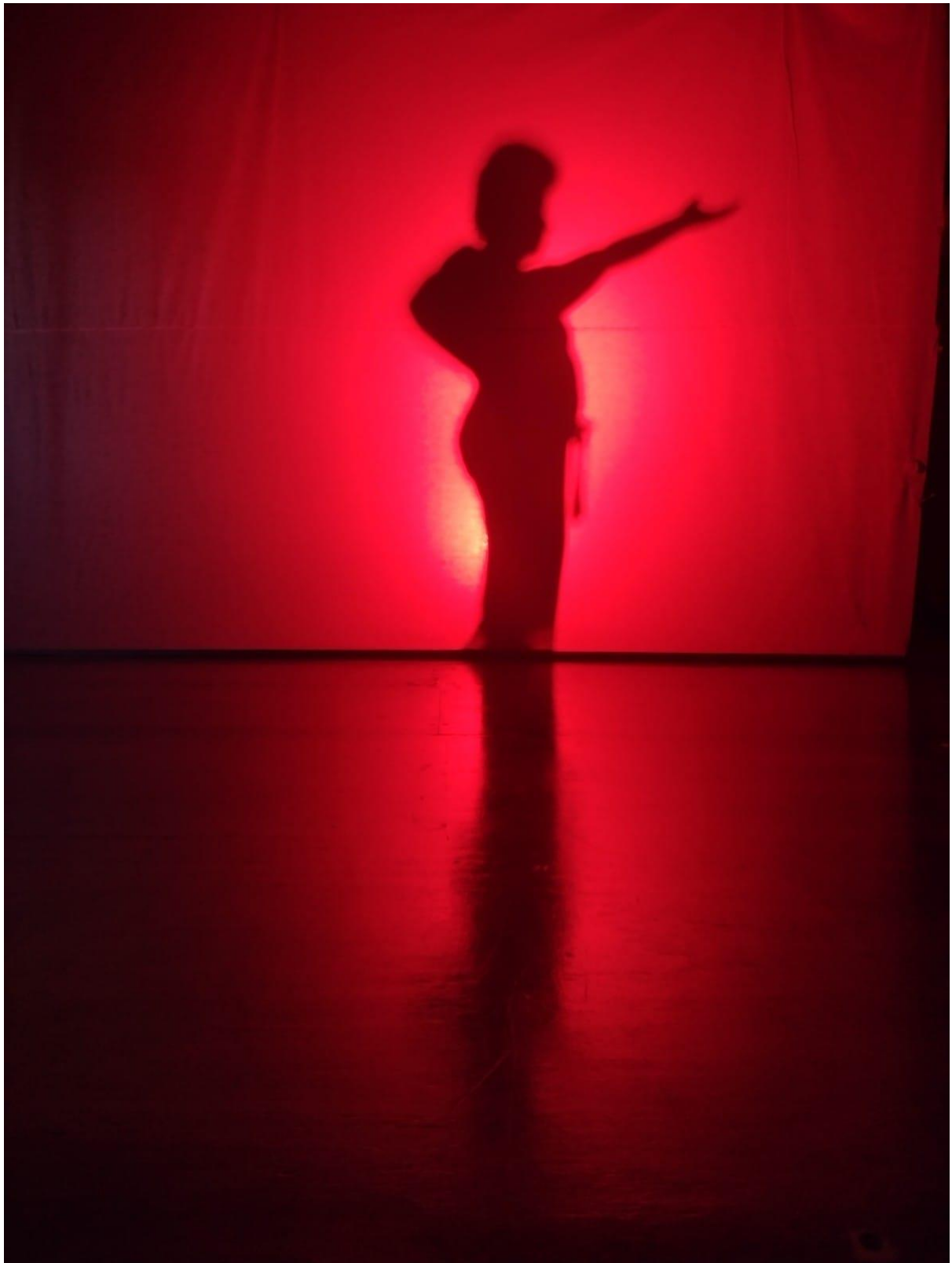


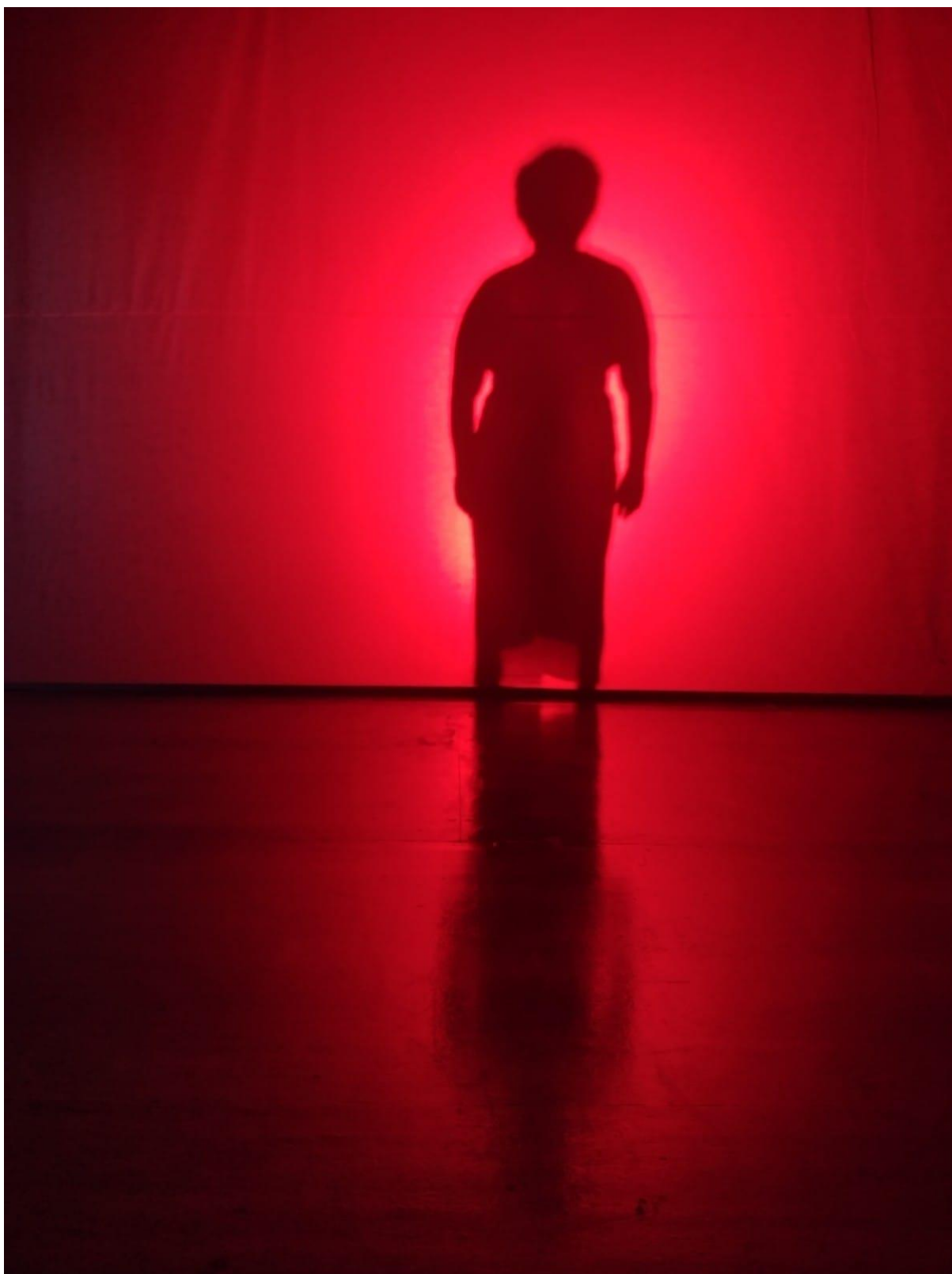
Fonte: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2019/07/grada-kilomba-tem-1-exposicao-individual-no-brasil.html>

Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica, com raízes em Angola e São Tomé e Príncipe, nascida em Lisboa. A autora reflete sobre questões como memória, raça, gênero e pós-colonialismo utilizando como linguagens artísticas a performance, a encenação, a instalação e o audiovisual. A inspiração vinda de Grada Kilomba para este trabalho passa pela escrita da artista sobre poesia e memórias, mas também está aqui evocada por conta da instalação com a terra na imagem acima. Gostaríamos de trabalhar com terra na cena, pensamos em dispor de uma bacia com terra no chão e explorar o elemento como força e território.

Por fim, o filme performativo “A Bruxa do Oeste” (2022) dirigido por Lara Sorbille também foi uma indicação de Angie como referência para o trabalho. O filme trata da vida e memória de Maria Luiza, mãe de Cabocla João. Eu já tinha conhecimento de muitas das memórias e histórias contadas no filme, mas os movimentos apresentados, ou melhor, as partituras corporais que presentificam as memórias foram importantes referências para que eu entendesse a importância dos movimentos no roteiro. Essa inspiração me auxiliou na criação das minhas partituras corporais para a peça.

Durante o levantamento de materiais para nossos ensaios, ficou explícito que há um grande mistério envolvendo a obra e a vida de Laura Santos, as informações (mesmo as concedidas pela família dela) eram poucas e muito vagas. Em um encontro do Neala (Núcleo de Estudos Afro-Latino-Americanos) grupo que acompanho sempre que possível, discutiu-se sobre fatos históricos de pessoas negras em suas biografias. Analisamos que principalmente as fotos são realizadas, em sua grande maioria, sem corpo inteiro e sem sorriso, quando pensamos nessas imagens (e na falta delas) verificamos um apagamento histórico e um processo de desumanização desses indivíduos perante a sociedade. Pensando na questão dos apagamentos e mistérios, fizemos alguns experimentos com luz e sombra, que escolhemos não levar adiante no decorrer dos ensaios.





Trabalho experimental de teste com luz e sombra

ENCONTRO de 26 de junho de 2023

Eu não estava muito bem de saúde, uma alergia tomou conta do meu corpo, seguida de insônia, piorando assim minha taxa de ferro no organismo, o que trato há alguns anos. Por conta disso, tenho ficado com a voz ruim. Neste dia, aproveitamos para conversar sobre minhas inspirações e sobre a parte escrita do TCC, para isso, Angelene me enviou exemplos de Memoriais Descritivos escritos por outras pessoas. O envio deste material foi importante para que eu descobrisse como eu desejava construir este memorial. Durante este encontro comentei com Angelene que eu estava com viagem marcada para Curitiba, e ela me incentivou a realizar mais pesquisas sobre Laura, em lugares como a própria Biblioteca do Paraná.

Viagem para Curitiba em 14 de julho de 2023

No mês de julho fui a Curitiba em um encontro do Movimento Negro Unificado, que aconteceu na App sindicato. Revi amigos de longa data, o evento comemorava os 45 anos do MNU (Movimento Negro Unificado), e aproveitei para visitar a Biblioteca Pública do Paraná. Foi decepcionante, uma visita necessária, mas difícil. Frequentei a biblioteca durante os anos que residi na cidade de Curitiba, nesse tempo, o ambiente interno passou por algumas mudanças, creio que devido a digitalização e o acesso a internet. Fui às salas de literatura, poesias, artes, sala de periódicos e não encontrei nada sobre Laura Santos. Notei que há alguns anos atrás, subindo as escadas da biblioteca, havia uma foto exposta de Helena Kolody (amiga íntima de Laura), mas dessa vez, a foto-homenagem não se encontrava mais no local. Foi realizado recentemente um corredor com o histórico da biblioteca seguindo uma linha do tempo na parede com imagens de muitos autores. E Laura? Não estava lá. Depois de algumas horas, encontrei a sala de obras de autores Paranaenses, fui até o balcão e pedi um livro da Laura Santos, perguntei para a atendente se ela conhecia Laura Santos, poeta da cidade de Curitiba. Depois de várias buscas, a atendente não encontrou nada. Insisti e mostrei uma foto e um artigo publicado no site da própria Biblioteca Pública do Paraná, então, depois de alguns minutos mais, ela me trouxe o livro "POEMAS" (1990).

ENCONTRO de 29 de agosto de 2023

A proposta de Angelene para a construção da cena inicial era conectarmos minhas memórias com a biografia de Laura, usando duas cadeiras que configuram a presença e a ausência dos nossos corpos e suas memórias. Sentada em uma cadeira, fui convidada a contar parte de minhas memórias de vida e de família, de forma simples, não esquecendo detalhes importantes. Angelene também me guia para que eu esteja o mais próxima possível das minhas lembranças e das lembranças que outras pessoas têm de mim, com foco, por exemplo, no dia do meu nascimento - uma lembrança de meu pai que me foi contada muitas vezes. Também conversamos sobre as minhas memórias relacionadas aos medos, a vida espiritual, aos desejos e ao amor com o objetivo de criarmos um paralelo entre a presença das minhas memórias e a ausência das memórias, informações e registros sobre a vida de Laura Santos.

Durante nossas conversas anteriores, fui orientada a fazer uma seleção de poemas de Laura e trabalhar sobre eles para apresentá-los para Angi. Exploramos usar duas cadeiras em posições diferentes, pensando nas cadeiras como metáforas para os lugares no mundo que podemos ou não podemos ocupar. Movendo as cadeiras em diferentes direções e as ocupando de diferentes formas, fui lendo as poesias escolhidas. A proposta é que eu faça as leituras das poesias de forma menos poética, mais como texto corrido, para isso, eu precisei escrevê-las novamente sem as métricas divididas. Nesse momento, entendemos que o cenário da peça teria mesmo as duas cadeiras e que o meu figurino seria um vestido vermelho.

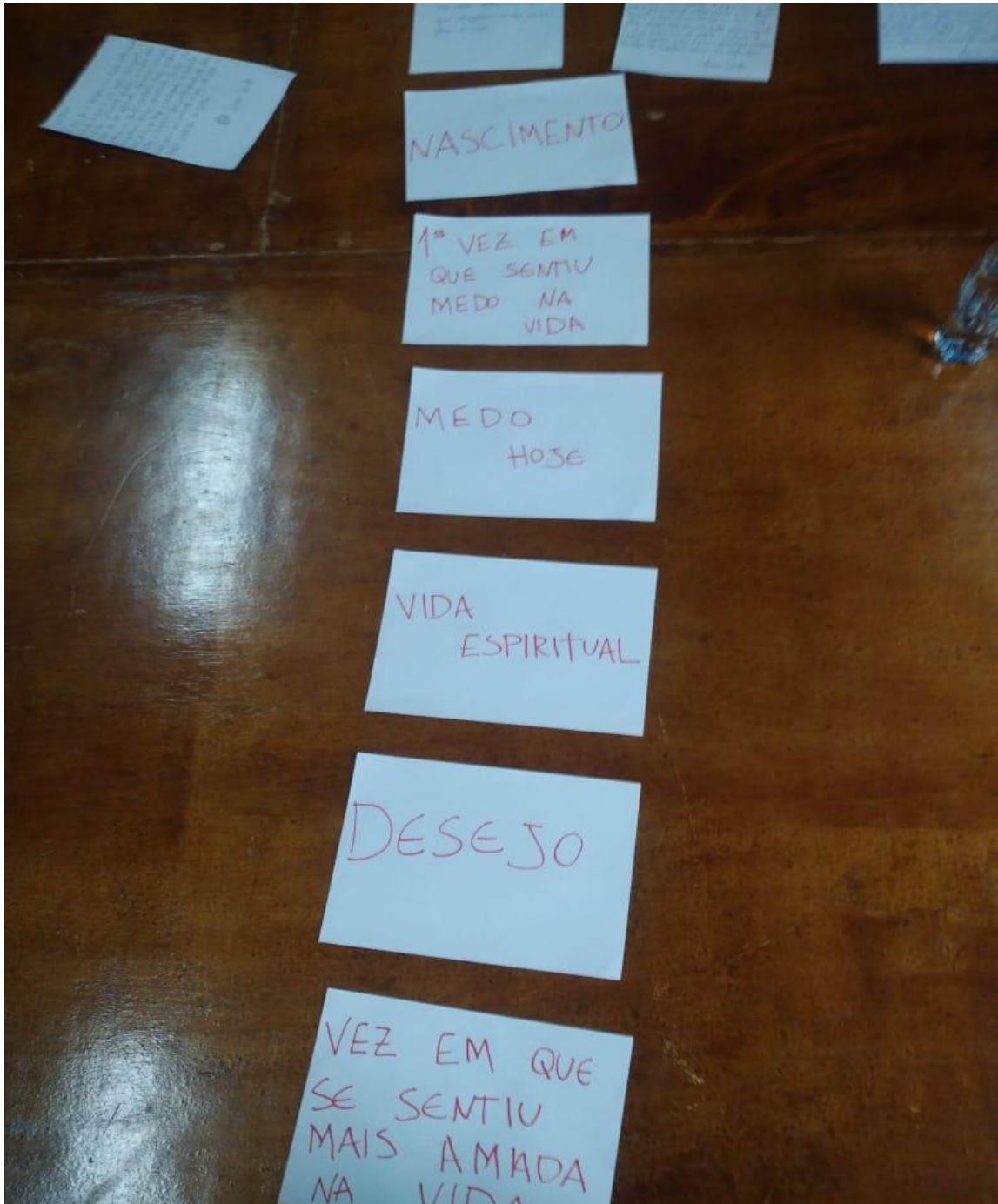
ENCONTRO de 13 de setembro de 2023

Durante a semana, fiz ensaios e mandei áudios com as memórias com as quais trabalharíamos para Angelene. Com esses áudios, ela criou uma trilha sonora experimental, fiquei surpresa, foi muito generoso da parte dela fazer a trilha, fiquei emocionada, feliz e emotiva, também chorei. Os movimentos corporais que estávamos explorando foram adicionados a essa trilha de um pouco mais de oito minutos. Descrevo aqui parte da dramaturgia da peça em processo, o trabalho dramático foi realizado durante os ensaios a partir dos elementos que fomos experimentando e das conversas que tivemos.

DRAMATURGIA

CENA 1- Depoimentos pessoais para que a minha história seja lembrada

(No cenário estão duas cadeiras vazias. Eu entro, cumprimento a plateia e sento em uma das cadeiras. Inicio me apresentando e falando sobre minha história de vida. Em sequência, vou mostrando placas para o público com algumas indicações:)



NASCIMENTOS

A história do meu nascimento: Essa história me foi contada várias vezes pelo meu pai, ele era um grande contador de histórias. Ele começava contando que minha mãe (nena) estava há alguns dias com dores, mas que não tinha comentado com ninguém. Ela era uma jovem de 15 anos, e quando as dores estavam insuportáveis ela falou com meu pai, que avisou a família e foi em busca da parteira. Era noite, estava chovendo e a lua estava cheia no final de janeiro. Chegando na casa da parteira, ela estava em atendimento de outro parto, meu pai então foi a procura de uma segunda parteira que também não estava em casa. Ele retornou a casa da primeira parteira que naquele momento já havia chegado. Os dois foram até o sítio e chegando lá minha mãe estava acompanhada da minha avó Maria. Depois de um tempinho, eu nasci e foi um silêncio. Meu pai contava que eu já estava bem roxinha e que pensou que eu estava morta: “Morreu a criança” ele contava, logo em seguida veio um choro de alívio.

O nascimento da minha filha: Eu morava em Curitiba, era final de novembro, dia 23, um domingo. Estava acontecendo um jogo de futebol entre Coritiba e Atlético. E fui passar uns dias na casa da minha cunhada, que morava próximo do Estádio do Couto Pereira, local bem perto do Hospital de Clínicas de Curitiba. Comecei a sentir dores, sou asmática e tinha muita falta de ar no último mês, então decidimos ir ao hospital e chegando lá, averiguaram minha pressão arterial e a dilatação que era muito pouca. Fiz uma nebulização e recomendaram que eu voltasse pra casa. No final da tarde voltei novamente, por recomendações médicas fui internada para aguardar um leito na maternidade do hospital. Por conta da falta de leitos, fui transferida para a maternidade Vila Hauer por volta das 18:30/19:00hs, a maternidade estava lotada. As enfermeiras e a médica fizeram de tudo para adiantar o nascimento, depois da última medida da dilatação me colocaram soro para acelerar o processo e estouraram minha bolsa. Assim, as dores foram aumentando a cada minuto. Às 2:00 fui para a sala de parto, foi um parto difícil, fui perdendo as forças e me ameaçaram com o fórceps (instrumento para puxar o bebe que dependendo de como é utilizado é considerado violência obstétrica). Não foi necessário um último empurrão e nasceu, no dia 24 de novembro de uma segunda-feira. Era uma menina, o que foi surpresa, pois minha filha não tinha mostrado o sexo na ecografia. Ela era linda, cabeluda e vermelhinha como um moranguinho. Então eu olhei tudo. Nesta época havia muitas histórias de bebês sendo roubados ou trocados nas maternidades. Então olhei tudo com cuidado, ela tinha uma pintinha preta em uma das mãos.

A primeira vez em que senti medo na vida: A minha avó materna Maria também era uma contadora de histórias, ela adorava falar da vida e da morte. Ela adorava as histórias de noites de assombração, de noivas que morrem em estradas. Quando minha avó estava grávida de um dos filhos, ela perdeu uma amiga muito próxima, mas antes de morrer essa amiga falou que voltaria para conhecer o bebe quando nascesse. Meus avós moravam em um sítio que não tinha luz elétrica, se usava lampião ou lamparinas. E logo depois que minha avó deu à luz, ela estava deitada e ouviu passos, viu a porta abrindo e uma sombra passando próximo da luz da lamparina. Essa sombra se aproxima do berço e puxa o mosquitoeiro, a minha avó conta que viu nitidamente a amiga olhando o bebê. A primeira vez em que senti medo na vida foi quando escutei essa história.

Medo hoje: Meu medo hoje em dia, sendo uma mulher negra e vivendo no Brasil, é a violência policial, a violência com o aval do Estado.

Vida espiritual: A vida espiritual foi um dos grandes marcos da minha história, esse encontro vem de dois lugares que para muitos são diferentes, mas estão super ligados: à militância e a espiritualidade. Fui criada em uma família católica, e quando conheci meu companheiro, ele já se desenvolvia na Umbanda, mas nunca me senti pronta para entrar ou me desenvolver. Depois de algum tempo conheci a Iyá Gunã em um protesto político, ficamos próximas e falei para ela sobre minha vontade de ir na casa dela conhecer. Chegando lá, a entrada era uma subida pequena com muitas flores e ervas pelo caminho, na porta tinha uma palha e quando a porta abriu vi o chão de terra. Era como se eu já conhecesse aquele lugar. Ela jogou búzios para mim e me falou dos Orixás, contando que o jogo respondia Oyá (Yansã). Oyá foi me explicando tudo e um portal foi se abrindo. Esse encontro foi importante para eu me conhecer e saber da minha força. Hoje sei que Oyá está em mim, ela também sou eu. Sou esta Tempo, esta tempestade, esta brisa, esta ventania, esta luta, o movimento, os lugares, as palavras, e a justiça.

Desejo: Meu maior desejo é viajar, conhecer lugares e pessoas, sou uma pessoa de movimentos. Meu desejo é conhecer novos lugares.

Vez em que me senti mais amada na vida: Em 2011 depois de um período em Foz do Iguaçu resolvi voltar para Curitiba, o meu pai decidiu ir comigo e com Bamidelê, minha filha, até a rodoviária. Chegando lá, ele começou a chorar e disse que eu já tinha decidido ir embora e que eu sabia o que era melhor para mim. Ele me disse que me amava muito e pediu para eu me cuidar. Foi difícil dizer tchau, meu pai não era

uma pessoa de falar “eu te amo”, de toques e abraços, mas aquele dia ele falou. Foi difícil e triste, mas muito especial pra nós dois .

CENA 2- Ausência

(Me levanto e arrumo ambas as cadeiras de frente uma para outra com cuidado e carinho e fico à espera de Laura. Olho para a porta, para a plateia e pergunto se alguém viu Laura.)

Você viu a Laura? Alguém viu a Laura por aí?

Laura? ...

Alguém conhece a Laura Santos?

Você já leu alguma poesia dela?

(Narro brevemente sobre a vida da poeta curitibana. Me sento novamente e convivo com esta dolorosa ausência. Pausadamente, vou levantando as mesmas folhas que utilizei na cena anterior e faço as perguntas direcionadas a Laura representada pela cadeira vazia)

Como foi seu nascimento, Laura?

Qual foi a primeira vez em que você sentiu medo na vida?

Qual eram os medos que você enfrentava, Laura?

E a sua vida espiritual, como foi?

E o desejo, me conta dos teus desejos.

Laura, qual foi a vez em que você se sentiu mais amada na sua vida?

CENA 3- POEMAS

(Desloco ambas as cadeiras em várias posições diferentes e ocupando-as de diferentes formas, realizo a leitura de seis de poemas de Laura Santos)

(posicionamento 1- sentada de frente para a cadeira imagino Laura senta em minha frente e leio seu poema)

Desejo

“Sinto um desejo enorme embalando meu sonho. Sinto uma força estranha e criadora vibrando no que penso e no que vejo! Minha alma está repleta de ansiedade. Quer dizer coisas belas e sublimes que dessem volta ao mundo e findassem os choques desta era transitória. E se puder doar aos versos que componho o sentido ideal que encanta e harmoniza, eu sentirei orgulho e sentirei a glória ,em Glória de ter nascido poeta” Laura Santos

(2-tomo longa distância, colocando as cadeiras em cantos oposto do palco e leio o poema)

Distância

“Os meus olhos se perdem no infinito e baila no meu pensamento um turbilhão de anseios esquisitos . Sinto que suas maiôs deslizam no meu corpo num orgia infernal, numa doce tortura ! Então, me quedo em um longo devaneio.... Depois compreendo tudo e creio, que esta distância atroz que nos separa é uma ponte de luz unindo nossas almas.” Laura Santos

(Posicionamento 3- Reaproximou as cadeiras, e em pé sobre uma delas leio)

Exaltação

“Deseja viver uma outra vida onde o amor imperasse e não fosse fugaz como a nuvem passa....Uma vida que fosse construída com a solidez do amor sem o egoísmo que o ciúme exprime que não fosse perverso e nem sublime mas, acima de tudo , muito humano! Quisera ter um lar, um pequenino mundo muito meu onde reinasse paz...como uma mulher sentir no fundo de mim mesma a espontânea alegria de formar um novo ser!” Laura Santos

(Posicionamento 4- Reposiciono as cadeiras e abraçada em uma delas leio)

Você veio

“E você veio de um modo estranho , um modo diferente para a festa sem par do meu amor , e cheguei a sentir dentro de mim, uma alegria enorme de ser feliz ! Meu segredo de amor , queria encobrir mas, è inútil porque, o seu beijo manchou-me os albinos para sempre e sua alma fundiu-se em minha alma dolente. E fiquei com a impressão que o mundo inteiro escuta o seu beijo sensual vibrar em minha boca ! Os meus olhos escuros são os mais lindos poemas que já li. E suas maiôs de artistas e sonhador se espalham, sombra e luz ficaram imortais paradas na superfície calma da minha alma.” Laura Santos

(Posicionamento 5- reposiciono as cadeiras e sentada no chão de frente para a plateia leio:)

Seus olhos

“Seus olhos são dois abismos negros onde sem saber eu me perdi. São dois sonhos de luz que despertam minha alma para a vida.” Laura Santos

(Posicionamento 6- Movo as cadeiras uma última vez e de braços no chão, leio)

Insônia

“A luz já se apagou, meu corpo extenuado arrasta o peso de uma insônia prolongada... E no meu pensamento desfilam as imagens dolorosas do meu sofrimento algumas me escarnecem outras em atitudes piedosas, choram porque se compadecem de meu deslocamento. Eis que um raio de luz já beijou a madrugada, e o medonho cortejo se dispersa e fico contemplando esta alvorada que é um momento de paz e de beleza no desfile contínuo de tristeza.” Laura Santos

CENA 4 Partitura corporal

(Realizo em cena uma série de movimentos corporais criados a partir de cada depoimento pessoal narrado por mim. Enquanto me movo há uma trilha sonora com a vocalização em eco de minhas memórias. A partitura corporal é repetida em cena várias vezes de diferentes formas e em diferentes velocidades)

Movimento 1 da partitura corporal: **Nascimentos**

Essa ação corporal é inspirada em um parto, movimento circular em volta da barriga até o útero, subindo os braços para alto fazendo um louvor a lua cheia.

Movimento 2 e 3 da partitura corporal: **Medo**

A segunda ação começa com a extensão de meu braço afastando o mosquiteiro do berço do bebê, fazendo uma analogia à narrativa da minha avó. Em seguida, levanto as mãos para o alto evocando meu medo da violência policial.

Movimento 4 da partitura corporal: **Espiritualidade**

Nesta ação, o corpo gira e as mãos seguem em um movimento giratório em espirais fazendo menção aos ventos e a Oya.

Movimento 5 da partitura corporal: **Desejo**

A partir do giro, meu braço se estende lateralmente e faço um gesto de voo com a mão trazendo o movimento de viagem para o corpo.

Movimento 6 da partitura corporal: **Amor**

Por fim, as mãos se juntam no peito demonstrando amor e afeto.

CENA 5

Vou até o fundo do palco e busco uma bacia com terra, uma vela e um pano vermelho. Estendo o tecido vermelho como um tapete no chão e posiciono a bacia de terra no centro do tecido. Toco a terra e faço algumas reverências pegando um punhado de terra com as mãos. Acendo uma vela e vocalizo que aquela luz se endereça à Laura Santos. Posiciono uma cadeira em frente a bacia de terra, sento na cadeira e coloco meus pés sobre a terra. Abro com as mãos uma carta que leio para Laura Santos.)

CARTA PARA LAURA

Querida Laura,

Há algum tempo penso em escrever para você, para falar de sua obra e os impactos que causou em mim, também sou uma mulher negra e poetisa. Minha escrita neste novo século parece estar de encontro a um desabafo de dor, um grito, um socorro. Analisando sobre os poucos que comentaram e conhecem sua obra, me pus a pensar o que a levou a escrever com tanta paixão sobre os desejos e prazeres do corpo?

Para mim, a sua obra foi uma grande descoberta. Até os dias de hoje somos ainda cercadas pelas violências do patriarcado, ainda continuamos a lutar pelo direito de existir e ter direitos básicos assegurados aos nossos corpos. Escrever sobre este corpo e mostrá-lo se trata de uma luta política. Creio que a sua obra, para mim, também seja sobre o poder do próprio corpo, e o direito de escrevê-lo ou descrevê-lo da forma como é. Não se trata do erótico banalizado como muitos escreveram, mas antes de tudo, do pertencimento do corpo a poesia e da poesia a este corpo.

Laura, alguns escreveram que precisávamos fazer uma releitura da sua obra por outros caminhos, que sua escrita foi um verdadeiro ato de coragem, mas não somente. Acredito que sua obra deveria ser ensinada e reconhecida.

Mesmo que sejamos poucas com visibilidade na mídia em geral, somos plurais, vivemos em muitos ambientes e cada uma existe com sua singularidade. E a nossa escrita, com tanto silenciamento e negação da nossa existência, é questionada por uns e invisibilizada por outros. Por isso, a oralidade sempre foi a grande ciência do nosso povo, eu a entendo e também fui criada e educada através dela com meus ancestrais. Mas e a nossa corporalidade? Nosso corpo tem história, dele surgem diversas das nossas sensações e emoções. Nosso corpo tem sabedoria.

Querida Laura, nunca fomos eleitas, escolhidas, homenageadas, ainda não temos mulheres negras na Academia Brasileira de Letras, ainda somos preteridas .

Querida Laura, tenho muito para lhe contar sobre meus caminhos de busca pela sua obra, e o quanto me atingiu. Tenho feito um longo percurso neste trajeto final da minha graduação, não só de pesquisa com seu neto Flávio, mas também com sua sobrinha Will Amaral, uma mulher poderosíssima que conheço há alguns anos, ela me disse na última conversa que você também era madrinha dela e tenho certeza que você a influenciou muito assim como as outras mulheres da família.

O que mais me tocou durante a busca que fiz foi o texto de um jornalista que terminava dizendo “Laura Santos morreu totalmente ignorada pela imprensa local”. Me angustia saber do tamanho apagamento que sua obra e história sofreram.

Querida Laura, eu desejo que a sua história seja lembrada, assim como eu desejo que a minha história seja lembrada.

Eu desejo que você seja lembrada, assim como eu desejo ser lembrada.

Com afeto,

Sueli Crespa

(Finalizo a cena interagindo com as mulheres negras da plateia, chegando perto de algumas delas que escolho para dizer)

Eu desejo que você seja lembrada.

Eu desejo que sua história seja lembrada.



Imagem de ensaio

BREVES ENCAMINHAMENTOS

Durante todo este processo fiquei pensando se seria possível realizá-lo, se eu realmente seria capaz. As dúvidas surgiram primeiramente com a falta de informações e dificuldades de trazer mais dados biográficos sobre Laura Santos. Mas enquanto os encontros estavam sendo realizados pude sentir e confiar no processo conduzido por Angie, que foi me dando segurança a cada novo encontro a fazer esta leitura de histórias, o nosso movimento espiralar.

Agora aqui nestas páginas finais da escrita, retorno lá no início quando a insegurança era tanta, mas ouvir a minha intuição foi fundamental, confiar no processo e nas pessoas que sempre me apoiaram. Este foi um processo de muito aprendizado, a minha grande dificuldade era trabalhar com o corpo, trazer as minhas memórias, e cada movimento repetido várias vezes trouxe a cada vez um novo sentido no tempo da memória. Assim são nossas histórias e memórias ancestrais, são movimentos repetidos no tempo, não existe o passado, o futuro, ou o presente .

Espero poder ocupar também este espaço do TEATRO, e agora, trajar a performance do corpo e do tempo, ao desenhar as minha memórias e de meus ancestrais. Eu jamais pensaria que minha defesa no meu curso de graduação seria uma peça de Teatro, mas da forma como me foi apresentado e estudado, me sentir pertencente também a este espaço é um misto de medo e de coragem que se faz necessário. Laura Santos, que assim como outras mulheres negras que tiveram suas histórias apagadas e invisibilizadas merecem ter homenagens, rostos, fotos, escritas e corpos ocupando espaços de política, cultura, arte, mídias, ciências, e espaços universitários enquanto discente e docentes para mudarmos esta pirâmide de poder existente que é tão violenta e cruel com mulheres negras.

Por todas as minhas mais velhas, minha mãe, minha avó, minha filha e quem estiver por vir. Desejo que esta história seja lembrada.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. LUZ, M. O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina. Rio de Janeiro: Graal, p. 89-105, 1982.

HOOKS, Bell. Vivendo de Amor. (Tradução Maísa Mendonça) Disponível em: [Biblioteca Virtual - NECS - Google Drive.](#)

LUCINDA, Elisa. Mulata Exportação(2018) Disponível em: [\(563\) Elisa Lucinda - Mulata exportação - YouTube.](#)

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó, 2021.

PIAZZAROLI, Caroline. Laura Santos.youtube. 30 de novembro de 2017/13:39-disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mHWSwGAaWVo & t=35](https://www.youtube.com/watch?v=mHWSwGAaWVo&t=35). Acesso em 28/08/2023.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto, 2006.

ROCHA, Claudécir de O. Laura Santos e a arte do incontrolável desejo. Cândido, Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, n. 52, nov. 2015. Disponível em [Laura Santos e a arte do incontrolável desejo | Biblioteca Pública do Paraná \(bpp.pr.gov.br\)](#)

SAMYN, Henrique Marques. Por uma reeleitura de Laura Santos. letras pretas, 2018. Disponível <https://letraspretas.com/2018/05/08/por-uma-releitura-de-laura-santos>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SOMÉ, Sobonfu. O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

TRISKA, Camila. O que foi o movimento Paranista?.Curitiba é Arte,2021.Disponível em: [Curitiba é Arte: O que foi o Movimento Paranista? - Curitiba de Graça \(curitibadegraca.com.br\)](#). Acesso: 28 de agosto 2023

LAURA SANTOS

Obras individuais

Sangue tropical. [S.l.: s.n.], 1953. (poesia)

Poemas da noite. [S.l.: s.n.], 1953. (poesia)

Desejo. [S.l.: s.n.], 1953. (poesia)

Poemas. Curitiba: SEED, 1990. (poesia)

Obras coletivas

SANTOS, Pompília Lopes dos. *Sesquicentenário da poesia paranaense*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

CENTRO PARANAENSE FEMININO DE CULTURA. *Um século de poesia: poetisas do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953.